

AS ESTRATÉGIAS DA DESODORIZAÇÃO

PAVIMENTAR. DRENAR. VENTILAR

A ascensão das preocupações higienistas no final do século XVIII suscitou numerosos textos. Meu propósito não é estabelecer seu balanço, mas operar uma releitura do discurso e tentar uma revisão das realizações na perspectiva de uma história sensorial. A política sanitária que então se estrutura inspira-se num passado já distante, assombrado pelo nauseabundo; ela assume práticas herdadas da ciência antiga, ressurgidas no campo dos regulamentos urbanos por volta do século XIV. No entanto, esse higienismo não se restringe à reutilização (do dejetos): a evolução das convicções médicas e, mais ainda, os progressos da química já asseguram a sua modernidade.

A estratégia sanitária que se modela então não mais se reveste com o caráter episódico daquela que se desenvolvia quando grassavam epidemias; ela pretende chegar à permanência; ela opera uma síntese; ela coordena as decisões de uma forma edilitária. "A invenção da questão urbana",¹ o triunfo da concepção funcional da "cidade-máquina" incitam a uma "toalete topográfica", indissociável da "toalete social", que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam. A partir do decênio 1740-1750, institui-se uma polícia sanitária, visando ser coerente, sob a direção de médicos aureolados senão pelas maravilhas de sua eficácia, ao menos pela au-

CORBAIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX.*

São Paulo: Cia das Letras, 1987.

toridade que um "saber transparente", "indiferente aos interesses particulares", lhes confere. A demografia nascente, que tenta identificar a cidade à tumba, reforça o pessimismo urbano, e ela acentua a urgência do projeto do bem-estar social.

Desinfetar — e portanto desodorizar — participa, além do mais, de um projeto utópico: aquele que visa a calar os testemunhos do tempo orgânico e a rechaçar todos os marcadores irrefutáveis da duração, essas profecias de morte que são o excremento, o produto dos mênstruos, a podridão da carniça e o fedor do cadáver.² O silêncio olfativo não desarma apenas o miasma; nega o escoamento da vida e a sucessão dos seres, ajuda a suportar a angústia da morte.

O mais arcaico dos imperativos dessa higiene desodorizante consiste em tentar isolar o espaço aéreo das emanações telúricas. Interromper o fluxo dos sopros plutonianos, proteger-se contra o regurgitar do solo, impedir sua impregnação com a finalidade de garantir o futuro e, na medida do possível, cercar os fedores acabam sendo cuidados permanentes. Em toda parte onde o dessecamento se torna impossível, é importante inundar as vasas, submergir as terríveis fissuras e assim evitar o escapamento dos eflúvios que se desprendem daí. Quando se torna indispensável dragar uma bacia portuária ou um canal submetido ao fluxo da maré, é melhor esperar que as águas os recubram.³ Chaptal aconselhará que se aterrem com areia as margens dos pântanos.⁴

Um cuidado semelhante explica a inquieta atenção⁵ dada à "tenebrosa arte de pavimentar", minuciosamente codificada pelo abade Bertholon.⁶ A tradição culturalista da cidade alimenta o sonho das vias de pedras, imitadas dos romanos. O pavimento agrada ao olhar; torna a circulação mais fácil; facilita a lavagem com muita água. Mas pavimentar é antes de tudo isolar-se da sujeira do solo ou da putridéz das camadas aquáticas. Nos locais estreitos que se avizinham das feiras, o pavimento é indispensável.⁷ Em Caen, cidade particularmente ameaçada pela extensão de águas estagnantes, pavimenta-se sem tréguas.⁸ O uso recente de calçadas, importado da Inglaterra,

que só se desenvolverá na França muito lentamente, advém do mesmo imperativo. Ele surge pela primeira vez em Paris, em 1782, ladeando a rua do Teatro Francês (rua do Odéon).

Na ordem do discurso, prega-se então a extensão da pavimentação para as ruas dos vilarejos e para o interior da casa camponesa.⁹ Howard aconselha que se substituam os pisos de corte dos hospitais pela pedra chata.¹⁰ A forração das fossas sépticas, única coisa suscetível de canalizar a impregnação, torna-se objeto de prescrições cuja precisão pode até parecer surpreendente.¹¹ E no entanto, nota Franklin, a pavimentação introduz um dilema. Se ela atrapalha a elevação dos fedores, por outro lado interrompe a infiltração, atrasa o enxaguar do solo pela chuva, impede a renovação das águas subterrâneas e, portanto, a eliminação da infecção passada. Numa palavra, favorece a estagnação.

Contra a *lepra domorum*, os higienistas adotam as injunções de Moisés. Retirar o velho reboco e substituí-lo, estaquear as paredes e eliminar os tijolos que estiverem em contato direto com o solo, pois estarão embebidos de substâncias pútridas misturadas à terra, são mais do que puros imperativos técnicos.¹² Rebocar, forrar, pintar, caiar paredes, tetos e madeiramentos é vestir uma couraça contra o miasma. Assim se justifica o sucesso do estuque, que não somente agrada à visão como também se revela um eficaz agente de luta contra a infecção. O estranho sr. Banau destina seu verniz antimefítico às paredes tanto quanto aos móveis e às roupas.¹³ Howard felicita-se pelo fato de que, no hospital de Corte, telhas envernizadas recobrem as divisórias até uma altura de oito pés.¹⁴

A vontade de obturar hermeticamente os reservatórios de fedor parece totalmente natural; ela não poderia ser considerada como de segunda ordem; será essa vontade que organizará a estratégia adotada pelos higienistas face aos danos olfativos causados pela indústria.¹⁵ As técnicas de fabricação em redomas prestadas pelos sábios justificarão a presença das fábricas de produtos químicos no coração da cidade. Este procedimento, que dentro de uma perspectiva agustiniana se tornará um dos

eixos do futuro regulamentarismo, começa a se esboçar tendo como alvo o excremento. O abade Bertholon exige uma boa junção para os tonéis limpa-fossas, propondo-lhes modelos. Thouret mostra-se satisfeito em constatar que a maioria dos carros com esse fim é doravante calafetada com estuques.

Apesar da importância dada à circulação das massas aquáticas, o uso da água permanece ambíguo. Limpar significa não tanto lavar, mas antes *drenar*; o essencial é assegurar o escoamento, a evacuação da imundície. Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água, dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento. Como observa Bruno Fortier, "nada que seja móvel e forme massa pode com efeito, corromper-se".¹⁷ A doutrina dos fisiocratas transpõe essa injunção no plano econômico. O reconhecimento das funções de circulação, como ressalta Jean-Claude Perrot, é o que conduz às mutações das representações urbanas; ela precipita as sangrias, as "demolições de fortificações".¹⁸ A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da imundície; justifica a importância dada à queda d'água das construções. Secar uma cidade através da drenagem significa desativar a estagnação pútrida genealógica, preservar o futuro desta cidade, garantir, através da técnica, a regulação que a natureza sozinha não poderia operar nesses locais de amontoamento artificial.

A drenagem de pântanos pestilenciais, situados na vizinhança de cidades, inscreve-se na ordem do dia. Em 1760, Voltaire decide sanear os arredores de Ferney.¹⁹ Em 1781, o marquês de Voyer combate os pântanos que envolvem Rochefort. Bernardin de Saint-Pierre torna-se propagandista da drenagem. O mais importante, para nosso objeto, é a drenagem das ruas. Limpar o calçamento constitui, certamente, uma das mais antigas preocupações. Jean-Noël Biragen ressalta que ela se manifesta já no século XIV, notadamente na época da peste negra em Narbonne.²¹ Ao longo dos anos, a estratégia se refinou. Em 1665-1666, o medo da epidemia dá ocasião a que se limpem as

ruas de Amiens;²² as autoridades decretam a retirada das lamas e do lixo, suscetíveis de espalhar "o ar ruim". Quando o mal se instala, em 1669, multiplicam-se as medidas sanitárias de luta contra a infecção; decide-se abater o gado e as aves; ordena-se escavar latrinas em cada casa. A situação de Amiens é exemplar. Pierre Deyon releva práticas idênticas na região de Agen, bem como no vale do Ruhr e na região de Anvers.²³

No século XVIII, é bom que se repita, faz-se mais preciso o policiamento sanitário, visando tornar-se cotidiano. Em 1779, a limpeza das ruas de Paris torna-se tema de concurso científico. O problema dos esgotos já sustenta um debate permanente.²⁴ Os projetos abundam, tendendo a aprisionar e a evacuar o lixo. Depois da do excremento, a privatização do dejetado passa a inspirar os autores. Chauvet prega o modelo de Lyon. Nesta cidade, "mantêm-se, em cada andar das casas, caixas onde se guardam o resultado das varreduras; camponeses dos arredores vêm regularmente, todas as semanas, retirá-las...".²⁵ Tournon propõe substituir as pedras, ao pé das quais se depositam os lixos, por recipientes de ferro, ociosos em seu interior; recomenda, além disso, a edificação, perto de cada casa, de uma pequena guarita, no nível da fachada e do calçamento, em forma de respiradouro e com "porta deslizante".²⁶

Os reformadores projetam evacuar, ao mesmo tempo que o lixo, o vagabundo, os fedores da imundície e da infecção social. Bertholon propõe que se utilizem os mendigos para varrer as ruas.²⁷ Chauvet quer reservar para esta tarefa os pobres e os enfermos.²⁸ Berna, observa com admiração Lavoisier em 1780, é a cidade que melhor se mantém limpa. Os forçados "arrastam todas as manhãs, pelas ruas (...), grandes carroças de quatro rodas por um timão ao qual se acham acorrentados; correntes mais longas e mais leves mantêm ligadas às mesmas carroças mulheres condenadas pela justiça (...); uma metade dessas mulheres varre as ruas, enquanto a outra metade enche a carroça com as imundícies".²⁹ Mathieu Géraud propõe confiar a forçados portadores de números, entravados por uma bola de ferro, o cuidado de purificar a cidade. "Varreriam as

ruas e encheriam com a lama os caixões arrastados por seus camaradas. Retirariam também a vasa dos esgotos, dos poços retirariam cadáveres de animais grandes, como cavalo, mula etc., e pequenos, como cães e gatos, retirariam junto com as lamas, para onde geralmente os jogamos.”³⁰ A cada dia, retirariam o tonel onde se guardam os dejetos e os excrementos da casa e colocariam no lugar o tonel da véspera, já bem lavado.

Arlette Farge e Pierre Saddy³¹ analisaram o discurso repetitivo dos decretos sanitários. Esgotar os córregos que fluem no meio do calçamento por meio da proibição das goteiras que transbordem (1764), proibir que se joguem matérias e líquidos,³² impor que se varram as frentes das portas, garantir³³ que se molhem os passeios, as pontes e os cais, fazer coletar todas as manhãs em carros bem fechados os lixos domésticos depositados perto dos locais assinalados, reformar as técnicas de limpeza, generalizar o sistema de cloacas; tais são as principais medidas que ascalonam esse “ciclo das imundícies” que se tenta estabelecer.

A vontade de revolucionar a limpeza de fossas constitui o elemento essencial da nova prática sanitária. Sabemos a razão. Desde o decreto de 8 de novembro de 1729, os mestres limpa-fossas gozam de um monopólio. Em compensação, estão submetidos a regulamentos cada vez mais precisos. O decreto de 31 de maio de 1726 os proíbe de fazer escoar as matérias nos córregos das ruas, bem como de jogá-los no Sena ou nos poços. Os *compagnons** devem evitar o uso de tonéis perfurados, são instados a varrer, lavar e limpar o terreno após sua passagem e devem trabalhar somente à noite. São obrigados a dirigir-se diretamente aos condutores e a evitar pararem em cabarés. Catálogo de injunções que permite identificar os abusos e discernir a gênese do regulamentarismo futuro; tanto é verda-

(*) *Compagnon, compagnonage*, ref. à corporação de artesãos itinerantes. (N.T.)

de que este encontrará seu campo de experiência entre os operários da imundície.

Em 1777,³⁴ a desinfecção das fossas é posta em concurso. Mais de vinte sábios,³⁵ e não dos menores (Fourcroy, Guyton de Morveau, Hallé, Lavoisier, Parmentier, Pilâtre de Rozier . . .), participam dos trabalhos e tentam, graças à análise dos gases mefíticos, descobrir o melhor dos desinfetantes. Trata-se de desativar os fedores e assim garantir a inocuidade da drenagem.

A evacuação da imundície, sem a utilização de água, implica uma extensão de condutores destinados a receber, de um lado, as lamas e dejetos domésticos e, de outro lado, os excrementos e as carniças. Enquanto os depósitos de lixo se multiplicam na capital, as cloacas do *faubourg* Saint-Germain e do *Enfant Jésus* (*faubourg* Saint-Marceau) são suprimidas (1781). Desde então, começa o longo monopólio excrementício de Montfaucon. Sabe-se o quanto sua existência se tornará objeto de obsessão.

Esse policiamento sanitário, de início apresentado como uma luta contra os odores nauseabundos, revela-se por enquanto sem grande eficácia, pelo menos em Paris. O único progresso de alguma importância concerne à limpeza de fossas. De resto, a se acreditar nas descrições, o fedor só faz piorar. As ruas da cidade eram menos sujas há vinte anos, escreve Ronesse, em 1782.³⁶ A multiplicação dos carros, a supressão das goteiras salientes que desaguavam no “córrego” e o envidramento das lojas, que conduziram os comerciantes a negligenciarem a obrigação de varrer as frentes das portas, explicariam o progresso da imundície. Restaria medir aquilo que esta análise deve às novas exigências sensíveis.

A *ventilação* constitui doravante o eixo da estratégia higienista. O fluxo que se deve controlar, antes de mais nada, é o do ar. Mais ainda do que drenar a imundície, é assegurar a circulação do fluido aéreo, o que melhor corresponde ao medo da estagnação e da fixidez, associadas à frieza e ao silêncio do túmulo.³⁷ O aerismo neo-hipocrático encontra sua justificativa teórica. A ventilação, e eis a primeira de suas virtudes, restaura

a elasticidade e a qualidade anti-séptica do ar.³⁸ Além disso, como Hales ressalta,³⁹ o movimento atmosférico purifica e desodoriza, devido à agitação que lhe comunica, a água corrompida pela estagnação. Ventilar, é por fim, varrer as baixas camadas do ar,⁴⁰ “constrangêr a selvagem circulação dos miasmas”,⁴¹ controlar o fluxo mórbido lá onde a natureza não pode exercer livremente sua regulação. A desodorização virá sancionar esse domínio das correntes.

A ventilação obcecante permitirá esta permanência do olhar, tão acentuada por Michel Foucault. Vigiar e controlar a circulação dos fluxos aéreos manifestam parentescos evidentes: tanto um como outro implicam a luta contra o canto obscuro onde estagna o ar viciado. Mas há coisas mais importantes para nosso propósito do que os laços que interligam o silêncio olfativo e a vigilância dos comportamentos. Quando a ventilação tiver tomado em consideração a nova espacialidade dos corpos, quando se revelar capaz de preservar os odores do outro,⁴² poderá ser estabelecido esse confronto permanente entre o indivíduo e os seus odores, base para a mola do narcisismo. É esta a história que precisamos abordar.

A utilização dos ventos, o uso das máquinas, notadamente o do fole, e a aspiração forçada em direção a uma fonte de calor coexistem na prática. Em 1713, Gauger publicava sua *Mecânica do fogo*, livro sem grande alcance prático de imediato, mas que logo iria se tornar obra de referência. O primeiro dos objetivos do sábio francês era o de aquecer e ventilar ao mesmo tempo, graças ao domínio dos fluxos que se organizam em torno do núcleo de fogo da chaminé, da biblioteca do castelo, do quarto das senhoras e do quarto dos doentes da aristocracia. Gauger visa de início o espaço privado. Propõe tornar mais confortáveis os trabalhos de recreação e de lazer intelectual dos grandes. Restaurando a elasticidade do ar, ele ambiciona refrear as doenças femininas. Em 1742, Arbuthnot adota o mesmo procedimento. “O bom ajustamento do ar”, a seu ver, constitui apenas um dos ramos do regime e só concerne ao quarto do doente.

O segundo terço do século revela-se decisivo. Em 1736, Desaguliers, inspirado por Téral e por Gauger, que ele traduz para o inglês, consegue renovar o ar da Câmara dos Comuns por meio de um ventilador de força centrífuga, apresentado sob a forma de uma roda de fole. O duque de Chandos instalará duas dessas máquinas em sua biblioteca; deverão funcionar por mais de um quarto de século. Em 1739, Samuel Sutton propõe que se ventilem os navios com a força gerada por fornos instalados no coração da embarcação.⁴³ Dois anos mais tarde, Hales e o sueco Martin Triewald adotam o fole e constroem ventiladores mecânicos.

Até o final do século, as pessoas se contentam em discutir os respectivos méritos dos diferentes processos e em optar, timidamente, por um deles. Em 1741, o aparelho de Triewald é posto em experiência na frota sueca, com sucesso; o aparelho de Hales funciona em várias minas de carvão; é também utilizado no hospital de Winchester⁴⁴ e nas prisões de Newgate. Aqui, a ventilação é conseguida com um moinho colocado sobre o teto das edificações e, na falta de vento, com o “braço dos homens ou com o recurso de animais”.⁴⁵ O sopro produzido é reservado aos “prisioneiros inocentes”. Sutton experimenta seu aparelho em dois navios, em Deptford e em Portsmouth; desde 1741, o engenho é adotado em várias embarcações da marinha inglesa.⁴⁶ Na França, o visconde de Morogues e Duhamel du Monceau (1759) tornam-se, embora sem sucesso, propagandistas das novas máquinas; aconselham que sejam instaladas nos barcos do rei.

De fato, o ventilador das fossas sépticas, destinado a tornar inodoras às limpezas das fossas, permanecerá sendo o único aparelho suficientemente difundido, ao menos na capital. É utilizado antes de se começar a operação. Trata-se de um gabinete de madeira, contendo vários foles, que é colocado na abertura da fossa. “O vento é levado até ela por três tubos, dois dos quais horizontais.”⁴⁷ Os vapores são expulsos a grande altitude, “fora do alcance dos sentidos”. Sua eficácia revela-se indiscutível. Graças ao ventilador, “a limpeza das fossas — pretende

o seu inventor — tornou-se uma operação (...) que mal se percebe na casa onde se faz o trabalho".⁴⁸ Os membros da comissão formada em 1778 para observar seus efeitos o confirmaram.

Além do uso do leque, que constitui o mais sumário dos ventiladores, práticas heteróclitas asseguram, segundo o caso, a aeração do espaço público, bem como do espaço privado. Certos médicos⁴⁹ aconselham que se agitem violentamente os lençóis a fim de renovar o ar do quarto dos doentes. Ingenhousz propõe que se faça funcionar simultaneamente as portas do apartamento para provocar correntes de vento.⁵⁰ Sua proposta freqüentemente retomada, será vivamente criticada; sua eventual eficácia suscita polêmica. Howard declara-se a favor dela e aconselha que se estenda essa prática aos hospitais.⁵¹ Banau e Turben propõem que se plantem plátanos, choupos, olmos e betulas às margens dos pântanos; e mais árvores de ramada ampla, cujo cimo móvel varre, segundo eles, as camadas baixas da atmosfera.⁵² Com a mesma finalidade, aconselham que se instalem, nesses lugares pútridos, moinhos de vento com rotação horizontal; pensam mesmo em montá-los sobre carretas para com isto beneficiar outros setores da região malsã. Baumes⁵³ prefere os foles ou o moinho do tipo daquele que fora instalado em Dresde a conselho de Forestus. Monfalcon lembrará que um médico da região de Bresse havia então proposto "a dança como um meio excelente de neutralizar os efeitos funestos das emanções pantanosas".⁵⁴

→ A circulação de veículos no interior da cidade é objeto de análises espantosas. O carro revela-se, a bem dizer, um engenho ambíguo: refúgio contra as emanções da multidão,⁵⁵ é também local de confinamento e, portanto, demasiado perigoso para os indivíduos que nele entram; tanto mais que os solavancos que o agitam incomodam a digestão e seu uso abusivo apressa o aparecimento da gota e dos reumatismos.⁵⁶ Na escala da cidade, os veículos tornam-se ventiladores, e assim seria conveniente favorecer sua multiplicação.⁵⁷

Os abalos da atmosfera pelo sino e pela deflagração do ca-

nhão continuam sendo grandes meios de ventilação quando a ameaça pútrida se exacerda. Navier considera que a saúde do soldado era pior na época em que ele combatia com armas brancas. O canhão purifica e desodoriza o ar dos campos de batalha, empestado por cadáveres e carniças.⁵⁸ Por um inesperado desvio, torna-se agente de salubridade. A varredura da atmosfera por meio de explosão desinfeta. Jean-Noël Biraben observa que, a partir do século XVII, as fumigações aromáticas são reforçadas pela adição de enxofre e freqüentemente de pólvora de canhão.⁵⁹ Baumes pretende purificar o ar dos pântanos minando o terreno.⁶⁰ Banau e Turben declaram-se favoráveis à ação de baterias superpostas.⁶¹ Em 1773, explode-se pólvora no interior da igreja Saint-Etienne de Dijon a fim de rechaçar o mau cheiro dos cadáveres.⁶²

Tudo aquilo que corresponde à vontade de controlar os fluxos aquáticos concerne também à ventilação. Entre o ar e a água estabelecem-se trocas salubres. O vento saneia os rios e as represas; agitar a atmosfera dos pântanos assegura a salubridade das águas; remexer o conteúdo de um vaso já é purificá-lo. Inversamente, a queda d'água continua sendo o melhor dos foles. A agitação da correnteza se comunica à atmosfera. Banau e Turben, que marcam o último estágio do fantasma da ventilação, recomendam a instalação de cascatas no centro das represas, provocar jatos, suscitar esguichos aquáticos. Aconselham também instalar pequenas quedas d'água nas extremidades da mesa da sala de jantar e encorajar a criação de peixes vermelhos devido à agitação que estes comunicam à água do aquário!⁶³

O leito do rio, ponto de concentração dos fluxos, contribui para a salubridade da cidade. Bem estruturado, pode tornar-se um dos mais eficazes reguladores. Encerrar o Sena entre dois sólidos alinhamentos de cais, forçá-lo desse modo a uma agitação permanente e salvadora, impedir por esse meio a estagnação nauseabunda, e portanto nociva, das carniças e das imundícies, é assim que se configura um dos sonhos mais insistentes dos higienistas parisienses. Bruno Fortier ressaltou a

multiplicidade de projetos destinados a controlar e a mobilizar as massas de água.⁶⁴ A circulação dos sopros aéreos engendrada pelo leito do rio assim canalizado merece tanta atenção quanto a amplitude e a velocidade das correntes aquáticas.

O papel dos arranjos destinados a dominar e a organizar os movimentos naturais do ar vence os procedimentos do fole e do forno de aspiração. O único ventilador largamente utilizado nos navios, mesmo no seio da frota inglesa, é ainda a vela de ventilação, que faz o ar se engolfar nos flancos do navio. Apesar de seus evidentes inconvenientes, já que não pode funcionar em calma e diminuir a marcha dos barcos, o ventilador a vela satisfaz os marinheiros; estes se opõem por muito tempo à sua substituição. É também utilizado em alguns edifícios coletivos; Howard observa sua utilização na prisão de Maidstone.⁶⁵

A proteção sanitária pela ventilação continua a organizar a profilaxia. Desde séculos, as "cabanas", "barracos" e "tendas" instaladas fora da cidade, em locais ventilados e fáceis de desinfetar pelo fogo, serviam para refrear a marcha da epidemia. Ali se amontoavam os doentes.⁶⁶ Até meados do século XIX, a "sala de ventilação" continua a ser, juntamente com a "sala dos perfumes", uma das peças mestras dos lazaretos. Os objetos suspeitos, uma vez desembalados, eram aí submetidos às correntes purificadoras.

Conhece-se a influência exercida pelas teorias aeristas na arquitetura das Luzes. O funcionalismo e o utilitarismo nascem e entram em competição com a tradição culturalista, ou ao menos modificam sua significação. Os autores de projetos ambicionam "utilizar (...) somente os recursos da arquitetura para captar, fazer circular e rejeitar o ar".⁶⁷ O desenho do edifício deve conduzir à divisão entre as exalações pútridas e as correntes de ar fresco, da mesma forma como deve permitir a distinção entre águas puras e águas usadas. O próprio corpo do edifício poderia tornar sem objetivo os usos antigos. A cúpula e o domo transformam-se em máquinas; sua missão é aspirar os miasmas; provocam invisíveis espirais nauseabundas, que os

experts sobem para respirar nos telhados. O grau de mau cheiro deve permitir medir a eficácia do arquiteto. O hospital de Lyon, neste aspecto, é modelar.⁶⁸ Soufflot concebeu uma sala abobadada, cuja forma elíptica permite eliminar os cantos estagnantes e estabelecer correntes de ar ascendentes.⁶⁹

A arcada tem de agora em diante a finalidade de permitir a aeração da parte inferior dos edifícios e de interromper os baixos. O pórtico garante a ventilação, ao mesmo tempo em que permite ao viandante proteger-se dos caprichos do ar livre. O alargamento das portas e janelas, o sistema, tão freqüentemente defendido, das aberturas opostas, alargamento de corredores,⁷⁰ a crítica contra as torres e contra as escadarias em caracol, consideradas como tubos de aspiração dos fedores, manifestam a acentuação das obsessões aeristas. Os arquitetos preferem os alçapões, respiradouros, postigos móveis. A necessidade de ventilação tende a relegar a um segundo plano a do aquecimento. Howard chega a condenar o vidro,⁷¹ cujo uso entretimes se expande.

Essa obsessão leva ao combate do duplo perigo dos porões, subterrâneos ou câmaras escavadas, submetidas às emanções do solo e privadas da necessária circulação do ar. O antro aterroriza. É assim que se começa a pregar o abandono do térreo em favor do primeiro andar. Baumes estima que conviria forçar o povo a se instalar aí.⁷² Tais convicções suscitam uma nova crítica das formas rurais de habitação. Os conselhos dos higienistas passam a ser ouvidos. A arquitetura o atesta. Em seu estudo consagrado à cidade de Caen, Jean-Claude Perrot nota o esboço de uma migração para os andares.⁷³ Os apartamentos recém-construídos são mais bem ventilados do que as antigas habitações. Claude-Nicolas Ledoux exalta os degraus, que permitem o acesso aos edifícios em elevação; símbolos de grandeza, também atestam a crença na virtude purificadora do ar.

No interior da casa, e pelas mesmas razões, reconsidera-se a disposição do mobiliário. O leito se torna objeto de uma atenção particular. Poder deslocá-lo, insiste Howard, constitui o primeiro dos imperativos. É importante que as camas estejam

frescas, limpas, afastadas umas das outras. Na sua opinião, preciso colocá-las no meio da peça e isolá-las do contato com o solo. Para isto, Tenon propõe a cama de ferro — já que a madeira se impregna — com um fundo móvel atado ao estrado.⁷⁴ A maca gozará, por conseguinte, de grande moda nos estabelecimentos penitenciários, pois responde às necessidades de ventilação, ao mesmo tempo em que preserva o espaço de trabalho. Modelos estranhos são propostos: assim, as camas de ferro utilizadas no orfanato de Anvers são muito altas, e são colocadas no centro da sala.

Acrescenta-se a esse tema utilitarista a utopia. O desamontoamento, outro grande imperativo dos higienistas, poderia permitir o controle das emanções individuais, fim último do distanciamiento dos corpos. Le Roy propõe que se instale uma evacuação particular para cada leito de hospital.⁷⁵ O doente, banhado em sua atmosfera, estaria então protegido contra os odores do outro não por meio de uma barreira, mas pelo domínio dos fluxos. O arquiteto desenha então a antítese da cama fechada. Eis o mais revelador dos projetos no sentido da revolta que está se operando. É ele que, no século seguinte, inspirará o debate sobre a ventilação das celas dos prisioneiros.

Condições idênticas comandam, como se sabe, o urbanismo das Luzes, sobretudo no tocante à ordem dos projetos. A cidade saudável, difundida pelo abade Jacquín, em 1762, será construída em uma encosta; a ausência de muralhas altas permitirá ao vento "varrer vapores e exalações";⁷⁶ as profissões responsáveis pelos maus cheiros (curtidores, pisoeiros, tintureiros) serão rechaçadas para fora dos muros, bem como cemitérios, hospitais e açougues. As manufaturas serão instaladas nos arrabaldes; ruas largas e vastas praças semeadas de fontes de água facilitarão a circulação do ar. Pelas mesmas razões, Gerard apela para a "derrubada dos muros de nossas cidades". É preciso elevar as ruas, escreve Baumes; para tanto, poderiam ser utilizadas as ruínas e os materiais de casas inabitadas.⁷⁸ O hospital modelo, que suscita inúmeros projetos, desenha-se como um pavilhão, como uma "ilha no ar".⁷⁹ A cidade ideal de Clau-

de-Nicolas Ledoux, bem analisada por Mona Ozouf, marca a influência da corrente aerista com um talento excepcional.⁸⁰ Casas e edifícios públicos de Chaux são "independentes de qualquer aderência". Evidência funcional, insalubridade dos edifícios e simetria — a qual também responde, ao menos parcialmente, a um imperativo higienista — asseguram, além da salubridade, a legibilidade imediata da cidade e o agrado visual do espectador.

A declaração de 10 de abril de 1783 manifesta o desejo de realizações concretas. A luta, neste aspecto, é travada sobretudo contra o ar ruim. São estabelecidas normas para que a circulação do fluido não seja bloqueada; concernem notadamente à largura das ruas e à altura das casas. É difícil medir o grau de sua aplicação. Maurice Garden, no entanto, constata que, no mesmo período, as vias de circulação da cidade de Lyon são alargadas.⁸¹

DESAMONTOAR. DESINFETAR

Desamontoar as pessoas e proceder a um novo recorte no espaço dos equipamentos urbanos surge como o recurso para completar o trabalho da ventilação, para dominar o fluxo das exalações e para impedir o efeito morbífico das emanções sociais.⁸² O amontoamento dos corpos, desafio permanente ao equilíbrio natural, impõe um policiamento sanitário capaz de estabelecer normas reguladoras. Essa atenção voltada para o problema das distribuições⁸³ confere um papel essencial à olfação.

A espacialidade dos corpos será definida pela medida das exalações. As intolerâncias sensoriais que nós relevamos irão reger os espaçamentos necessários. Inversamente, esse distanciamiento conduzirá, ao longo de décadas, a uma atribuição de lugares, a qual acarretará a progressiva destruição da confusão olfativa que freqüentemente reinava tanto no espaço privado quanto no público. A privatização do dejetos tenderá a conter os

odores excrementícios em locais confinados. Colocada de lado a qualquer noção de intensidade, os odores da cozinha pouco a pouco deixarão de se confundir com os do espaço íntimo, os do hospital deixarão de se confundir com os da prisão.

Meio século mais tarde, Villermé tirará todas as conseqüências sociais deste novo objetivo que ressalta, por enquanto ainda em confusão, os fabulosos perigos da promiscuidade pútrida e licenciosa.⁸⁴ A atração pela presença sensível, quente e confortante do outro será submetida abertamente a anátemas fulminantes. A crítica contra os aquecedores de prisão, feita por Howard, prefigura a crítica contra as casas operárias; será preciso voltarmos à questão.

Georger Vigarello⁸⁵ nos leva a crer que foi no seio do exército que se operou de início esse distanciamento dos corpos, por intermédio da pedagogia das posturas e da determinação de ordens coletivas. De qualquer modo, a batalha do desamontoamento foi travada em volta da cama individual e da tumba. Havia tempos que Jean-Louis Flandrin sublinhara a importância desse quadro.⁸⁶ A história da cama no século XVIII constitui somente uma etapa daquele longo processo de privatização do dormir, cujo ponto de partida é fixado por Philippe Perrot no final do século XVI, quando da volta da camisola de dormir.⁸⁷ Para certos indivíduos dotados de uma sensibilidade ainda minoritária, a promiscuidade e o calor do leito coletivo são percebidos através das exalações intoleráveis do outro. O leito individual implica, mais ou menos a longo termo, uma atenção exclusiva aos odores do eu; permite o devaneio narcisista prolongado; incita ao monólogo interior, impõe a moda do quarto personalizado. Os despertares do Marcel Proust-criança não poderiam ser concebidos sem esta revolução.

Todos os especialistas, de Robert Favre a Jacques Guillerme, de Michel Foucault a Bruno Fortier, reconheceram claramente o papel determinante do hospital na definição das novas normas. É nesse ponto e momento que a cama individual se torna território e se transmuta em unidade espacial. A importância do papel de Tenon⁸⁸ surge aqui com evidência. O teó-

rico dos hospitais justifica, pelo metabolismo, a necessidade da reforma. É preciso que se deixe cada doente operar livremente sua evolução térmica; é então importante evitar que o amontoamento num mesmo leito crie um calor médio, que se revelaria logo nocivo a cada um dos indivíduos aos quais uma tal promiscuidade estivesse imposta.

O hospital de Lyon é mais uma vez o modelo. Em 1780, quando do primeiro ministério de Necker, um novo regulamento do Hôtel-Dieu prescreve camas individuais. No dia 15 de novembro de 1793, uma decisão da Convenção impõe esse princípio, aplicação lógica da Declaração dos Direitos do Homem. O mesmo objetivo norteia a estratégia dos cuidados a domicílio que então se tenta promover; ela permite por um certo tempo a esperança de se ver desaparecer o hospital.⁸⁹

Por volta da metade do século XVIII, emerge a reivindicação da tumba individual.⁹⁰ Que se reserve a cada morto uma fossa, e os cemitérios cheirarão menos. Aquilo que por enquanto era apenas um argumento de higiene logo se tornará imperativo de dignidade e de piedade. A idéia será dominante desde o início do século seguinte, portanto mais rapidamente do que o princípio da cama individual. Inspirando-se na teoria de Maret segundo a qual raios morbíficos são irradiados dos cadáveres, Vicq d'Azyr⁹¹ solicita que os corpos estejam separados por ao menos quatro pés de distância, para que os raios emanados não se misturem.

O desejo de desamontoar os cadáveres, de início acantonado à ordem dos discursos, será traduzido em fatos antes mesmo da Revolução. A esse respeito é exemplar a grande mudança dos mortos empilhados no cemitério dos Inocentes, verdadeira epopéia da qual Thouret se tornou o chantre fascinado.⁹²

Já que o ar puro constitui o melhor dos anti-sépticos, já que as emanções que se elevam dos corpos e do lixo encarnam a ameaça pútrida, ventilar, drenar a imundície, desamontoar os indivíduos já é desinfetar. Palavra tão ambígua quanto infecção, que significa ao mesmo tempo a natureza morbífica e o fedor do ar viciado, o primado de um modo de contaminação e a

ruptura do equilíbrio orgânico. Entretanto, outras práticas também tiveram por finalidade destruir os miasmas e restituir as qualidades primeiras de uma atmosfera contaminada. Essa desinfecção tem sua história, que não poderia ser reduzida à história do arômata.

No final do século XVIII, antes que se imponham as descobertas de Lavoisier, os químicos procuram febrilmente o antimefítico que se revelará capaz de vencer ao mesmo tempo o mau cheiro, o poder asfixiante e o risco mórbido.⁹³ Essa busca acelera a promoção do desinfetante/desodorizante químico. O essencial dos textos e dos debates que ela suscita gravita em torno das ameaças excrementícia e cadaverosa.

As vésperas da descoberta dos mecanismos da combustão permanece ainda intacta a confiança no poder desinfetante do fogo. Jean-Noël Biraben até mostra o quanto cresceu, a partir do século XIV, o domínio dessa antiga convicção hipocrática. Em 1348, queima-se todo um bairro de Bordeaux para purificá-lo; no século seguinte, as autoridades municipais decidem incendiar, com a mesma finalidade, várias casas da cidade de Troyes.⁹⁴ As grandes fogueiras acesas em Paris durante o inverno de 1709 para aquecer os pobres sem dúvida rejeitaram o escorbuto, ou ao menos é o que se diz. Por essa razão Navier recomenda, em 1775, a multiplicação de fogueiras na capital.⁹⁵ No dia 2 de agosto de 1720, quando da grande peste, a conselho dos Sicard, pai e filho, a municipalidade de Marselha decreta que se queimem, durante três dias, as muralhas, as praças e as ruas; "gigantesco auto-de-fé médico"⁹⁶ que leva a cidade a uma penúria de lenha. O costume exigia que se queimassem, após a epidemia, as cabanas, as barracas e as tendas que tinham servido de refúgio aos doentes expulsos. Sabe-se que, até sob a Revolução, persiste a prática de incendiar os navios contaminados.

Depois de Lancisi, todos os especialistas dos pântanos aconselham que se multipliquem aí as fogueiras, principalmente quando os operários estão procedendo à drenagem ou à extração da vasa. Navier pede que se acenda fogo quando se de-

cide pela exumação de um cadáver. O próprio Lavoisier recomenda, em 1780, esse procedimento, segundo ele apto a purificar o ar das prisões.⁹⁷ Duhamel du Monceau prevê que se desinfetem as roupas velhas dos marinheiros em estufas.⁹⁸ Em 1788, Thouret prega a fabricação da poudrette, excremento em pó, por dessecação.⁹⁹

Os sábios não atribuem à água o mesmo poder desinfetante, pois é mais difícil impedir sua estagnação; além do mais, a umidade revela-se mais perigosa do que o ressecamento.¹⁰⁰ É certo que Lavoisier recomenda lavar as prisões, mas que seja com precaução. No entanto, como consequência de seus trabalhos, desenvolve-se a confiança na água de cal, primeiro entre os desinfetantes químicos, cujo poder desodorizante é apreçoado tanto por Baumes quanto por Howard. A combustão da cal desinfeta o espaço. Banau e Turben propõem a multiplicação dos fornos nas regiões pantanosas.¹⁰¹ A mistura composta por Marcotel para lavar as paredes das casas e neutralizar sua putridéz fez maravilhas nas latrinas de Narbonne. Howard asperge as paredes de seu quarto com cal.¹⁰² Ele reserva um lugar de prestígio para esse produto dentro da estratégia de desinfecção que propõe.¹⁰³

Laborie e Parmentier constatarem que a cal desodoriza os resíduos acumulados nas fossas sépticas.¹⁰⁴ Segundo M. d'Amboüney, secretário da Academia de Rouen, fazer infusão do produto em matéria líquida quadruplica seu valor de mistura; acrescenta que, "por essa mescla de cal, o odor das matérias se dissipa absolutamente, e o que resta é um odor próximo ao do mel".¹⁰⁵ A cal desodoriza também os cadáveres; ela acelera a putrefação das matérias animais e se combina com o "ar principal" que se desprende dos corpos. Ela dissolve os miasmas, impedindo-os de se elevarem na atmosfera, ela "acorrenta as emanações funestas".¹⁰⁶ Sua ação continua até que o cadáver esteja destruído. Em 1783, por ocasião de uma exumação efetuada em Dunkerque, o uso do leite de cal suspendeu temporariamente as emanações.¹⁰⁷

Mas voltemos ao que é essencial. No começo do ano de

1773, decide-se evacuar os corpos sepultados nos subterrâneos da igreja de Saint-Etienne de Dijon. O fedor é tal que a deteção de nitro, fumigações, braseiros aromáticos e a aspersão do piso com vinagre dos quatro ladrões não bastaram para destruí-lo. As casas vizinhas foram infectadas, as febres rondam. Consulta-se Guyton de Morveau. No dia 6 de março à noite, ele prepara uma mistura de seis libras de sal e dois litros de ácido sulfúrico concentrado e depois procede a uma fumigação de ácido muriático. O sucesso é total: "No dia seguinte, ao se abrir tudo para fazer entrar ar, não havia mais vestígio de mau cheiro".¹⁰⁸ Quatro dias mais tarde, regulamentam-se os ofícios. Guyton acabara de descobrir um "novo meio de purificar absolutamente, e em muito pouco tempo, uma massa de ar infectado". Estava inaugurada a revolução olfativa.

No final do ano, a febre das prisões faz 31 mortos na interior da penitenciária da cidade. Guyton procede a suas fumigações. No dia seguinte, se acreditarmos nele, "todo o odor pútrido havia desaparecido, tanto que um aluno de cirurgia ofereceu-se para colocar aí uma cama e passar a noite". A partir do ano seguinte, Vicq d'Azyr aconselha o emprego do ácido muriático para desinfetar os estúbulos do Midi (sul da França), assolado pelas epizootias.¹⁰⁹ Entretanto, as fumigações guytonianas serão muito pouco utilizadas antes do Consulado.

Considerado como materialização do miasma, o cheiro se identificava até então à ameaça morbífica. Mesmo permanecendo persuadido do fato de que ele manifesta essa "espécie de potência assimiladora" que "constitui" os compostos de uma substância pútrida em germes nocivos, Guyton vê nele a propriedade de um corpo cuja destruição por transmutação química precisa ser acompanhada. A desodorização completará o sucesso, isto é, completará o surgimento de um corpo novo.

Não se trata mais de mascarar, mas de destruir o odor nauseabundo; "a diferença é grande aos olhos do químico, que vê no odor mascarado apenas o produto confuso de uma mistura cujas partes tendem continuamente a se desagregar; ao invés disso, a destruição do odor é o resultado de uma combinação

através da qual o corpo odorante ou é decomposto ou encadeado numa base que muda suas propriedades".¹¹⁰ As descobertas de Lavoisier permitirão a Guyton refinar posteriormente sua teoria; de um modo geral, ele pregará o uso de todos os oxigenantes que apressem a combustão de substâncias pútridas e miasmáticas.

Sem que tivesse havido, ao que parece, conhecimento dos resultados obtidos pelo químico francês, o dr. James Carmichael-Smith chega, em 1780, a resultados quase idênticos graças às fumigações de ácido nítrico. Seu método, utilizado em 1795 a bordo do Pimen e do Revel, navios da esquadra russa devastada pela epidemia, permite também "a destruição dos maus cheiros e a melhora do ar".¹¹¹ No ano seguinte, Carmichael-Smith desodoriza, com sucesso, o hospital militar de Forton.

OS LABORATÓRIOS DAS NOVAS ESTRATÉGIAS

Os locais de amontoamento de pessoas atraem a atenção dos higienistas; eles impõem a urgência de uma ação global de regulação. Elabora-se aqui uma estratégia de desodorização dos corpos e do espaço que, meio século mais tarde, será transposta à casa do camponês e à moradia do operário. A tenda do soldado, o navio, o hospital e a prisão tornaram-se os laboratórios onde se experimenta a futura desodorização do espaço privado.] X

Ao lado do grande papel desempenhado pelos hospitais militares nesse processo, é no seio dos exércitos, ao que parece, que timidamente são elaboradas as primeiras normas de higiene corporal, notadamente sob a influência de Pringle. Com a finalidade de acabar com as emanções nauseabundas, Colombier pede, em 1779,¹¹² que o soldado mude de roupa ao menos uma vez por semana e, ao menos duas vezes, que mude as meias. Convém no entanto evitar exagerar a importância desse esforço disciplinar. As ordens, livros de ordem, textos regulamentares etc. são, nesse ponto, de uma extrema discrição, o que traduz

a parcimônia das práticas. Os desertores que tentam justificar seu ato não se referem nem às más condições de higiene do acantamento nem à recusa de disciplinas mal toleradas; silêncio que faz supor ao mesmo tempo a negligência dos quadros e a desenvoltura dos soldados. ¹¹³

Levando-se em conta a urgência, o navio precisa, aos olhos dos médicos, mutar-se num modelo de higiene. Desde 1785 Lind aplica-se a codificar sua salubridade. ¹¹⁴ Na França, o visconde de Morogues define com a mais alta precisão essa higiene marítima. Aconselha que se bombeie freqüentemente a água da sentina para atenuar seu mau cheiro. Proíbe refeições na entreponte; ordena que se cerceiem sem trégua as imundícies. Os membros da tripulação deverão lavar-se e pentear-se; o capitão ordenará com freqüência a "arrumação, para fazer as roupas dos marinheiros tomar ar". ¹¹⁵

O navio de Cook impõe-se como a suprema referência: e que seu capitão soube com perfeição "destruir durante a travessia todos os germes pestilenciais inerentes tanto à tripulação quanto aos objetos". ¹¹⁶ Cook inspeciona constantemente a limpeza; manda colocar leitos e cobertas no convés toda vez que o tempo ficava bom; cuida para que cada fardo seja aberto e todo o seu conteúdo exposto ao ar para que seja efetuada a evaporação dos miasmas durante o trajeto. Inspeciona as provisões para precaver-se contra germes pútridos. Ordena que se ventilem as velas de reserva e quaisquer tecidos passíveis de se impregnarem. Os víveres são colocados no fundo do porão; "durante a viagem, as escotilhas são solidamente calafetadas e cada fenda hermeticamente fechada com piche". ¹¹⁷ Uma separação estrita é feita entre as emanações da carga e as da tripulação. O navio de Cook, antítese do navio-fantasma assolado pela pestilência que subira do fundo do porão, configura-se, em miniatura, com a primeira das cidades higiênicas. Aqui, as pessoas estão preservadas contra as efusões miasmáticas; o ar e o fogo desarmam toda a ameaça aquática.

Em terra, é ao hospital, e primeiramente ao hospital mili-

tar, que cabe essa função de modelo. Michel Foucault e François Béguin mostraram muito bem como ele tende então a se transformar numa máquina de distribuir ar e de expulsar miasmas. Desde 1767, Boissieu enuncia com clareza a nova estratégia: os feridos, amontoados nos hospitais, morrem por causa da putreidez do ar; "para diminuir a quantidade de exalações, é preciso não encher os quartos e salas de hospitais; afastar deles, com todo o cuidado, tudo aquilo que puder infectar e dar atenção à mais estrita limpeza. É renovando o ar que se rechaçarão as exalações perniciosas. (...) Os domos, a abertura dos tetos, dando para o andar superior, o fogo nas chaminés e não mais nos aquecedores, a máquina de Sutton e os ventiladores de Hales" ¹¹⁸ darão uma saída para o ar. A fim de facilitar o afluxo daqueles que se acham no exterior, portas e janelas serão abertas, serão espalhadas ventoinhas, serão instaladas tubulações junto a cada leito. Enfim, se procederá às fumigações. ¹¹⁹

Vinte anos mais tarde, a estratégia definida por Jean-Noël Hallé visa primeiramente à desodorização. Após ter reiterado os conselhos formulados por Boissieu, o pai da higiene pública apregoa uma luta sistemática contra os fedores. "Os doentes não conservarão suas roupas; as cortinas de leito serão em tela, as cadeiras serão bem asseadas e fechadas, as latrinas estarão dispostas de maneira a não provocarem nenhum cheiro, tudo será varrido com freqüência, principalmente após refeições e curativos, a água será utilizada com circunspeção e a areia será empregada, de preferência, para limpar o assoalho." ¹²⁰

Numerosos projetos inspiram-se nessas concepções, principalmente quando, em 1787, a Academia de Ciências convoca os arquitetos. ¹²¹ Pretende-se "formar, inteiramente fabricada, uma estrutura de ventilação". ¹²² O esquema radial se impõe nas pranchas. Várias realizações traduzem os novos imperativos; principalmente na Inglaterra o hospital militar de Plymouth e o dos Inválidos em Greenwich. ¹²³ Ventiladores, embutidos nos tetos do hospital de Guy em Southwark, comunicam-se com o núcleo de chaminés do andar superior; nesse estabelecimento,

os gabinetes de toalete não exalam nenhum odor, pois a porta injeta água neles ao se abrir.¹²⁴ Na França, os hospitais militares, a sala de Saint-Landry (1748), o hospital de Lyon, o hospital Saint Louis, servem como referências aos reformadores. Em 1786, C. F. Viel manda instalar aquedutos e baterias de latrinas no hospital da Salpêtrière;¹²⁵ ele já construía (1784-1786), em Bicêtre, o grande esgoto que se depura, e mal, num dispositivo produtor de esterco composto.

Obter desodorização do doente implica um controle somático e, antes de tudo, a vigilância dos excrementos. A ventilação não poderia bastar. Impõe-se uma modificação nos comportamentos individuais. Por esse atalho, o hospital tende a se tornar um lugar disciplinar. Os regulamentos se enrijecem. O regulamento do hospital de Haslar, perto de Gosport, proíbe que se use roupa suja; prevê a troca da camisola dos doentes a cada quatro dias e a troca de lençóis a cada quinze dias; as toucas, as ceroulas e as meias devem ser trocadas uma vez por semana. Os homens devem ser barbeados a cada três dias. Os doentes serão proibidos de se deitar vestidos, de utilizar suas roupas velhas como cobertas, "de guardar pão, manteiga ou qualquer outra provisão na cabeceira da cama ou em volta do leito".¹²⁶ "Não se poderá aliviar-se das necessidades naturais senão nos locais destinados a este uso."¹²⁷ Não serão tolerados "clamores nem tumultos"; fumar é proibido, assim como jogar; constitui obrigação assistir ao serviço divino. "Ninguém poderá se tornar culpado de expressões blasfematórias, impérios proibidos, maldições, bebedeira, sujeira, mentira."¹²⁸ No hospital geral de Chester, "todo doente, ao entrar, será instado a tirar suas roupas para receber roupas limpas".¹²⁹

Visa-se a uniformidade, a destruição de hábitos seculares, a proibição de comportamentos espontâneos, daí por diante considerados como anárquicos e perigosos. O hospital se torna, por meio desses exemplos premonitórios, o local de aprendizagem de uma higiene individual que nem se sonha pregar e difundir no espaço privado popular. No Hôtel-Dieu de Paris, Tenon pretende obter a instalação de "comodidades com vasos". Os doen-

tes hospitalizados seriam os únicos, juntamente com alguns privilegiados, a gozar dessa nova maquinaria do conforto.

Projetos idênticos obcecaram os reformadores da prisão, mas sua reflexão se choca contra um dilema. Como assegurar a circulação da água, do ar e das imundícies onde se deve restringir a circulação dos homens? Como desativar os perigos da estagnação e da fixidez assegurando o necessário aprisionamento? Como conciliar o jogo das correntes de ar e a separação das categorias de detentos? A ventilação demanda multiplicação e alargamento das aberturas, enquanto o cárcere impõe o fechamento intransponível. Para resolver o dilema, Howard aconselha que se substitua a porta pela grade, a parede em placa pelo engradeamento. O ventilador a vela ou, ainda melhor, o fole manual poderão, além do mais, como o tread-mill, conciliar o imperativo da aeração e a necessidade de exercício.

No interior da prisão, a gestão do excremento se revela difícil. É preciso desembaraçar o indivíduo sem comprometer o fechamento. À espera de que os sábios do século seguinte venham a encontrar uma solução higiênica a esse problema em particular,¹³⁰ Lavoisier projeta, desde 1780, desodorizar a merda das prisões. Para tanto, propõe cavar, em volta do estabelecimento, um canal no qual viriam desaguar os canos de descarga das latrinas. Uma possante corrente de água controlada por uma válvula aberta a cada dois ou três dias empurraria as matérias para fora desse canal; tubos de respiração, terminados no teto por uma boca-de-lobo, impediriam a expansão dos odores nauseabundos no interior dos edifícios.¹³¹

A autoridade de que gozam os carcereiros permite aqui um controle dos comportamentos mais severo dos que nos hospitais. A prisão, assim como o convento, mas por outras razões, tende a se tornar o lugar privilegiado da aprendizagem das práticas higiênicas. O valor propedêutico da limpeza corporal acrescenta-se ao valor que os teóricos atribuem ao trabalho. "Gostaria, escreve Howard a propósito de prisioneiros amontoados num dos navios-prisão ancorados perto de Portsmouth, que durante o dia de sábado eles fossem obrigados a limpar, lavar roupa,

costurar suas vestes, barbear-se, a tornarem-se a si mesmos limpos, a limpar o navio, a bater e arejar suas roupas de cama. É muito importante acostumá-los desse modo à limpeza." ¹³² Muitos oficiais observam que "os homens mais limpos são sempre aqueles que se conduzem com maior honestidade e decência e que os mais negligentes são ao mesmo tempo os mais dados ao vício e ao desregramento".

O imperativo do "limpo em ordem", ¹³³ a aprendizagem da limpeza revelam seus objetivos múltiplos. O objetivo moralizador e a necessária compressão dos instintos insinuam-se onde até então, se tratava de desinfecção. O mau cheiro do pecador é tomado ao pé da letra. Saber lavar seu corpo torna mais rápida a recuperação do culpado. O criminoso arrependido, prestes a receber o novo batismo social, deverá provar seu renascimento pela perda do odor pútrido que até então o ligava a seus comparsas.

Quanto a este ponto, as prisões da Holanda são os modelos. Aqui, cada um tem o seu quarto, sua armação de cama, seu estrado. A leitura dos regulamentos das prisões inglesas confirma também a insistência dessas preocupações. O artigo VII do regulamento da prisão de Lancaster está redigido da seguinte forma: "O carcereiro fornecerá carvão, sabão, vinagre, cobertores, palha, esfregões, areia, escovas, vassouras, baldes, vasos, toalhas de mão, cestas de carvão, para uso dos prisioneiros, de maneira que eles próprios e todas as partes da prisão sejam mantidos num estado de limpeza e de salubridade". ¹³⁴ Ao chegar, o futuro prisioneiro-faxineiro será despojado de suas roupas, lavado e vestido com o uniforme. Para lutar contra as febres das prisões, deve-se, antes de mais nada, desodorizá-las. Artigo XII: "O carcereiro atentará especialmente para que um ou vários prisioneiros varram alternadamente todos os quartos diurnos, dormitórios e celas, todos os dias antes da refeição, e que os lavem terças, quintas e sábados". Está fixado o calendário da faxina. Serão privados de ração (artigo XIII): "aqueles que não tenham lavado seus rostos e suas mãos e cujo exterior não anuncie limpeza". Uma porção suplementar e seletiva será

distribuída aos domingos aos prisioneiros mais bem cuidados, com a finalidade de "encorajar ao trabalho, à limpeza, à boa ordem, à assiduidade ao serviço divino". Há também no continente algumas prisões bem limpas, como a de Breslau, por exemplo, ou ainda a do Capitólio, em Roma.

Partidário do leito individual, Lavoisier ¹³⁵ prevê também que se mandem banhar os prisioneiros, e que se os banhem à sua entrada no estabelecimento. Uma inovação que marcará época na história da aeração: ele recomenda que se instalem em cada cela duas aberturas, uma situada no alto da divisória e pela qual o ar mofitizado será evacuado, tornado mais leve, e a outra escavada ao nível da porta e que permitirá a renovação da atmosfera.

Seria interessante comparar esses modelos higienistas destinados aos doentes e aos prisioneiros àquele que Vicq d'Azyr tenta impor aos criadores de animais; o estábulo salubre e desodorizado e o gado saudável, limpo e ordenado participam dessa mesma ambição de se reger os comportamentos preservando-se a saúde coletiva.

OS ODORES E A FISILOGIA DA ORDEM SOCIAL

A BREVE IDADE DO OURO DA OSMOLOGIA E AS CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO DE LAVOISIER

No final do século XVIII, o projeto outrora formulado por Ramazzini de constituir uma história natural dos odores deixa de desempenhar o papel de sonho impossível. Desde a queda da realeza, a filosofia sensualista dispõe de um monopólio oficial. No seio do reorganizado Instituto, os filósofos formam, até 1803, a seção "Análise das sensações e das idéias". Constituir um saber osfresiológico implica entretanto a elaboração de um vocabulário científico. Na própria perspectiva de Condillac, criar uma linguagem capaz de traduzir as percepções da olfação já significa tentar retirar o olfato da animalidade na qual parecia marginalizado. Além disso, como conseguir um dia disciplinar o emaranhado inquietante das sensações olfativas sem que uma linguagem permita constituir-las em sistema? ¹

Multiplicam-se então as tentativas de definição e de classificação. Empresa nova, mas fastidiosa, moldada com subjetividade e que afinal deixa muito a desejar aos olhos do sábio. Sucessivamente, Lineu, Haller, Lorry e Virey propõem suas listas de categorias aromáticas, mas nenhuma se revela exaustiva. Manifesta-se logo o fato de que as sensações do olfato recusam-se a deixar-se aprisionar nas malhas da linguagem científica.

Os sábios ao menos adquiriram uma certeza: a crença no aroma repousa em um erro de análise. Já os trabalhos de Rouelle (1756) e, em seguida, de Prévost (1797), consagrados aos movimentos giratórios dos fragmentos odorantes, haviam causado um severo abalo no dogma antigo. Em 1798, Fourcroy afirma que qualquer espécie de odor é "unicamente produzida pela simples dissolução do corpo odorante no ar ou num líquido". ² Berthollet virá trazer a prova definitiva disso. Admite-se, desde logo, que cada substância tem o seu odor particular, "relativo à sua volatilidade e à sua solubilidade". A antiga afirmação de Teofrasto transmuta-se em convicção científica. ³

A vitória da teoria de Fourcroy vem complicar os efeitos psicológicos das descobertas de Lavoisier. A compreensão dos fenômenos respiratórios, assimilados aos da combustão, tende a reforçar o terror da asfixia, cujo mecanismo já é doravante conhecido. No entanto, a derrota do espírito diretor reanima o medo da infecção e justifica a vigilância olfativa. O que seria mais semelhante ao miasma do que o corpúsculo odorante?

Durante um quarto de século, ninguém põe em questão as teorias de Fourcroy e Berthollet. Hippolyte Cloquet alia-se a elas. Em 1821, Robiquet coloca o problema de uma maneira nova: para se propagarem, os corpúsculos odorantes devem, segundo ele, entrar em uma combinação gasosa. Para tanto, têm necessidade de um veículo, de um "intermédio". Este poderia ser o enxofre ou, com maior probabilidade, o amoníaco. A valorização do papel deste gás, admitida por Parent-Duchâtelet, e este é somente um exemplo, reaviva a ansiedade suscitada pelos odores excrementícios.

Assim, a partir dos trabalhos de Lineu, elaboram-se uma osmologia científica, com dificuldade. Virey traça, desde 1812, um balanço provisório dela e confronta as recentes descobertas com os dados da ciência antiga. No mesmo ano, o sábio britânico Prout mostra que é mesmo o olfato que permite analisar os sabores. Coisa que Chevreul, no continente, irá confirmar. Em 1821, por fim, Cloquet publica a sua impressionante *Osfresio-*

logia ou *Tratado dos Odores*, que permanecerá como obra de referência até a metade do século xx. Enorme compilação, gigantesco trabalho, algo monstruoso, vítima de uma pilhagem interminável, em meio a que se mesclam as descobertas científicas, as intuições premonitórias e o mais inacreditável diz-que-diz-que. De qualquer modo, verdadeira sorte para todos os autores de dicionários e de manuais, que poderão doravante contentar-se em recopiar, principalmente no que concerne à higiene do olfato.

Quando surge o livro de Cloquet, uma grave ameaça pesa sobre este sensualismo, cujo triunfo sustenta o interesse atribuído à osfresilogia. Evidentemente, a revolução de Lavoisier privilegia a análise psicoquímica, às expensas da impressão sensorial. Os sábios desenvolvem suas buscas numa dupla direção. Uns acuam o miasma inapreensível através de seus instrumentos, rebuscam a gama inquietante de imundícies estabelecida no século precedente, cujos malefícios continuam a assombrar os espíritos. Berthollet analisa os gases da putrefação. Os químicos erigem um inventário exato dos gases emanados pelas fossas sépticas. Boussingault e muitos outros tentam, com o auxílio de curiosos aparelhos, condensar as emanções dos pantanos e analisar a "fedorina" que colhem em imensas telas de tecido. Chaussier analisa os produtos da respiração do homem. Brachet, mais ambicioso, põe-se a detectar a composição química da sutil perspiração que define os odores individuais.

Outros sábios, munidos com seus eudiômetros, tentam refinar a análise do ar de diferentes locais públicos, outrora tentado pelo abade Fontana e por Priestley. Lavoisier foi o primeiro a obter resultados significativos. O ar "contido em recipientes fechados onde permaneceu durante um tempo bem longo um grande número de homens"⁴ revela um teor anormalmente forte de gás carbônico. Humboldt e Gay-Lussac detectam neles, em 1804, uma diminuição do oxigênio. Em contrapartida, após os repetidos fracassos de Magendie, os químicos, incapazes de localizar alguma diferença na composição da atmosfera dos

diversos bairros de Paris, abandonam a esperança de purificar o ar das cidades. Como observa Forget, "o triunfo dos agentes purificadores está (doravante) limitado aos espaços circunscritos".⁵ O ajustamento de um novo método de análise por Dumas e Boussingault relança as pesquisas nos anos 1830. Esse método permitirá, notadamente a Leblanc e a Pécelet, definir normas de salubridade do espaço em função do teor em gás carbônico do ar.

Seria demasiado apressado falar em desqualificação do sensível. Com certeza, o tato, revelador do deslizamento, do escoamento do ar, acha-se menos solicitado a partir do momento em que se sabe que a agitação não é mais identificada à purificação. O próprio olfato tem seu papel recolocado em questão, pois os sábios garantem que o fedor não é o reflexo exato da viciosidade do ar. No entanto, é ele que na prática cotidiana continua a detectar a qualidade do fluido. Acima de tudo é necessário não esquecer a crença persistente na existência científica do miasma, "substância acrescentada ao ar", que conserva todo o seu mistério. O "perigoso (...) não é ensinado pela química. Mas nossos sentidos, mais delicados do que a química, demonstram, de um modo evidente, a presença de matérias pútridas deletérias no ar onde o homem permaneceu por longo tempo".⁶ É preciso continuar a reger sua conduta a partir da sensação e procurar renovar o ar "tanto quanto o olfato, que é aqui um excelente indicador, achar ainda algum odor no local onde ele existia em abundância".⁷ O próprio Leblanc persiste em pensar que o miasma traduz sua presença com um "odor repulsivo".⁸

Uma leitura atenta dos textos consagrados à análise do ar viciado e ao estudo dos meios para medir sua restauração revela a decepção sofrida pelos sábios diante da imprecisão dos instrumentos e o despeitado decurso que fazem à experiência sensível. É o olfato que, no final das contas, conforme garante Grassi,⁹ regula a ventilação nas baterias dos navios, assim como é ele que atesta a restauração do ar na cela do prisioneiro.

→ O UTILITARISMO E OS ODORES DO ESPAÇO PÚBLICO

A partir do Consulado, a higiene pública se torna ainda mais coerente. As concepções dos ideólogos nesse domínio, em particular o desejo de Cabanis em ver os médicos guiarem a fisiologia da ordem social, encontram eco no seio dos meios dirigentes. A estratégia higienista nem por isso continua sendo em certos pontos, menos passadista. Até a metade do século a ansiedade olfativa, e sabemos o porquê, continua a dirigir a luta contra o ameaçador lixo. A maioria das queixas formuladas pelos parisienses ante o Conselho de Salubridade concerne sempre à vizinhança a substâncias animais putrefeitas. Os próprios especialistas, apesar do otimismo que exibem diante dos malefícios industriais, mantêm sua diatribe contra as oficinas pútridas. A esse propósito, o ceticismo de um Parent-Duchâtel constitui-se como exceção, como o atestam os severos ataques dirigidos contra ele.

O amontoamento crescente no centro da capital suscita a obsessão da "crescente maré dos excrementos e do lixo".¹⁰ Esse fantasma substitui a imagem da cidade-pântano, pululando de ameaças, que obcecava Luis-Sébastien Mercier. O ano de 1826 constitui neste sentido um momento decisivo. Neste ano, torna-se nítida a ameaça de saturação de Paris pelo lixo. O esgoto de Amelot se entope; os da Roquette e do Chemin Vert começam a se obstruir: uma represa nauseabunda cresce no próprio coração da cidade; os condutos empestam as barragens.¹¹ Assim como outrora a mudança dos mortos, agora a "translação das lamas"¹² impõe-se como a primeira das urgências.¹³ Chegou a hora de regravar a fisiologia urbana da excreção organizando a eliminação sistemática do dejetos. O catador de lixo, cuja imagem se torna obcecante na literatura romanesca,¹⁴ tem reservado para si um papel essencial para o sucesso do projeto, o de triar, organizar o lixo nas casas, coletar restos orgânicos, ossos e cadáveres de pequenos animais, e assim completar a obra dos limpa-fossas, tão vigiados no passado.¹⁵

A tomada de consciência, não do perigo do excremento amontoado e envelhecido nas fossas, mas do entupimento, isto é, da insuficiente circulação do lixo pelos vasos aéreos e subterrâneos destinados a eliminá-lo, se faz acompanhar, sob a Restauração, pela revelação da ameaça miasmática que o subúrbio, mau cheiroso por causa dos condutores urbanos e dos seus próprios dejetos, faz pesar sobre a capital. A volta do excremento, denunciado desde o final do século XVIII por especialistas que ficaram isolados, assombra doravante os responsáveis. Trazendo um aval oficial às constatações formuladas outrora por Mercier, o relator do Conselho de Salubridade escreve em 1827: "Saíam hoje de Paris e escolham a estrada que quiserem, não falharão em encontrar um bom número de carretas de lixeiros sob uma verdadeira corrente de ar dos condutores. Já, *por todos os lados*, os limites da capital se anunciam por meio dos vapores pútridos que neles se respiram (...). Logo mais, seremos avisados pelo olfato de que estamos nos aproximando da primeira cidade do mundo, antes que a visão tenha podido perceber o cimo de seus monumentos".¹⁶ Naquele ano, o Conselho propõe que se abra ao longo dos *boulevards* exteriores um vasto fosso pavimentado para drenar na direção do Sena as águas infectas que escorrem para o centro da capital.¹⁷ Em 1828, o relator do Conselho faz eco aos longínquos alarmes de Thouret: "O solo que rodeia Paris está embebido com esse esterco infecto, numa grande extensão".¹⁸ É preciso evitar, acrescenta ele, rodear a cidade com seus próprios dejetos. A irrupção do cólera-morbo acentua essa obsessão. Em 1835, os especialistas do Conselho decidem ir visitar as imundícies amontoadas nas comunas de subúrbio. Em Gennevilliers, constatam que os depósitos infectos estão em toda parte, tanto ao longo dos caminhos como nas próprias vias.

A bem dizer, a verdadeira novidade não é tanto a acentuação de uma ansiedade já antiga em relação ao pútrido e ao excremental quanto a maneira pela qual esse sentimento entra em conflito ou se combina com o utilitarismo reinante. O medo do miasma completa-se com a obsessão da perda. A utilidade

do imundo doravante comanda as atenções. O desejo de recuperação do dejetos, por sua vez, estimula a vigilância olfativa

Diferentemente do que se pode constatar a propósito do século XVIII em seu declínio, as mais numerosas ocorrências do discurso sobre o excremento concernem daí em diante ao ganho. Os eflúvios nauseabundos indicam ao mesmo tempo o miasma e o déficit. "Qualquer mau cheiro, resumirá Mille um tanto esquematicamente, indica, nas cidades, um atentado contra a saúde pública e, nos campos, uma perda de esterco."¹⁹ Segundo ele, o fedor determina a constatação da "perda, da dispersão dos elementos".²⁰ O odor repulsivo do excremento atesta o desperdício, enquanto os delicados aromas dos perfumes denunciam o irreparável e infrutuoso gasto. O utilitarismo e a necessidade da poupança reforçam o cuidado de salubridade; todos os três demandam que se desodorize.

O desejo de recuperação engendra inúmeros cálculos. A ciência econômica toma em consideração o excremento; esforça-se para traduzir em números os ganhos ou as perdas. Já no início do século uma comissão do Instituto havia recusado a idéia de se jogar todas as imundícies de Paris no Sena não por medo de alterar a pureza da água, mas pelo cuidado de evitar o esbanjamento provocado por um tal procedimento.²¹ Parent-Duchâtelet considera que a exportação de excrementos constitui um dos grandes recursos potenciais da capital. Espera desde 1833, expedir esses produtos por via férrea. Gostaria que a administração patrocinasse as companhias de transporte. Lança um apelo aos particulares: "Ajudem com seu dinheiro: comprem ações dessas empresas".²² É preciso que se diga que em 1834 Paris fornecerá 102 800 metros cúbicos de matéria e que apenas os condutores de Montfaucon já recolhiam meio milhão por ano.

Bertherand estima em trinta mil francos o movimento da indústria das imundícies na cidade de Lille.²³ Sponi considera que a adoção da descarga de água e do esgoto geral faz com que os ingleses percam, por ano, 250 mil francos.²⁴ Em 1857, um redator do *Jornal de Química Médica* calcula que

jogar 332 000 metros cúbicos de águas usadas no Sena equivaleria a perder 275 600 toneladas de adubo. Trata-se apenas de alguns exemplos que tendem a reforçar os laços que os psicanalistas estabeleceram entre o dinheiro e o *stercus*. Talvez fosse inclusive de bom alvitre que os historiadores da estatística e de ciências econômicas também os levassem em consideração. O fantasma da perda, cuja trajetória pode ser seguida de Malthus a Pierre Leroux,²⁵ a vontade de se garantir um bom andamento para a fisiologia social da excreção, o cuidado em se registrar homens e bens e em garantir sua circulação formam um mesmo todo. Recusar qualquer uma das dimensões dessa história nos condena a conseguirmos apenas uma compreensão parcial do passado.

A desodorização do espaço público, que mais do que nunca se impõe, passa doravante pela recuperação, valorização e utilização do dejetos.²⁶ Os autores dos projetos suscitados por esse aspecto desconhecido do utilitarismo transpõem, para a ordem das representações sociais, a sua vontade de recuperação. Concordam em apreço a utilização dos dejetos sociais no processo de coleta e tratamento do lixo. Calculam a rentabilidade da imundície social localizada na valorização do detrito; os vãos projetos formulados por alguns higienistas no final do século XVIII são doravante objeto de sábios cálculos. Quase não se pensa mais nos prisioneiros ou nos mendigos, mas nos indigentes e sobretudo nos *velhos*. Estes poderiam, coletando o lixo, reembolsar parte das despesas que ocasionam. O dejetos se acharia então implicado na relação de beneficência: aliviaria o esforço feito pelos possuidores de bens. Berna não é mais o modelo, e sim as cidades da Bélgica. Em Bruges,²⁷ as imundícies são coletadas por homens do povo e velhos. A municipalidade fornece carrinhos de mão àqueles que não têm meios de comprá-los. Graças a uma tal política, Gand e Liège tornaram cidades muito limpas.²⁸

Chevalier apreço a construção, na capital, de latrinas públicas e gratuitas, destinadas tanto a mulheres quanto a homens, e propõe que sejam cuidadas pelos pobres.²⁹ São os centros de

beneficência que deveriam, segundo ele, designar varredores lixeiros. O prefeito de Stains tentou fazer a experiência: confiou a varredura pública aos indivíduos inscritos nos centros de caridade.³⁰ Desde 1832, Chevalier aconselha com insistência que se escolha, em cada cidade do interior, em cada comuna rural um terreno fora da aglomeração onde se cavasse um fosso para depositar as lamas. Isto feito, conviria escolher alguns pobres a cargo dos habitantes. "Daríamos a eles uma pequena charrete, puxada por uma mula ou um cavalo ruim, e mandaríamos que percorressem *incessantemente*, durante os dias úteis, as comunas e seus limites, retirando, com a ajuda de pá e vassoura todas as imundícies aí encontradas, para conduzi-las ao reservatório da comuna. *Esta limpeza de todas as horas* forneceria uma grande massa de produtos e sua coleta contínua manteria uma limpeza agradável e saudável."³¹ A novidade não reside na natureza do trabalho, calcado no exemplo dos coletores de merda, mas no ritmo proposto. A permanência da atividade garantiria, ao mesmo tempo, a recuperação integral e a limpeza absoluta, a desodorização e a salubridade.

A coleta do excremento humano impõe-se, mais do que nunca, a partir do momento em que sua superioridade aparece como incontestável.³² Líquido ou sólido, ele constitui o mais rico dos adubos. "Cada quilograma de urina equivale a um quilograma de frumento",³³ afirma Sponi. Dominique Laporte cita um conjunto de textos significativos cuja finalidade é chamar a atenção e a vigilância dos comissários para essa qualidade excepcional.³⁴ O decreto de 31 de dezembro de 1720 havia outrora regulamentado e encorajado o uso, na região de Paris, de tais adubos. Mas um abandono acontecera, precisamente entre 1760 e 1780. No final do Antigo Regime, o volume de excremento utilizado havia diminuído bruscamente, exceto em regiões como Flandres, onde seu emprego era tradicional. Por conseguinte, esboça-se um novo período de emprego crescente,³⁵ que corresponde à ascensão do utilitarismo. Esta retomada de interesse obriga o Conselho de Salubridade a definir uma política. O desejo de evitar a mistura dos produtos, e consequen-

temente uma perda, leva-o a apregoar, em 1835, os aparelhos separadores de líquidos e matérias sólidas.³⁶

Resta a questão dos esgotos gerais propostos pelos ingleses. Seria preciso esperar o extremo final do século para que essa solução consiga impor-se em Paris. No entanto, desde a Restauração, ela possui partidários. O sistema funciona, aliás, parcialmente, na capital: a Escola Militar, os Inválidos, Bicêtre, a Salpêtrière e o Hotel da Moeda evacuam seus excrementos pelo grande esgoto circundante e em seguida, a partir de 1825, pelo esgoto lateral ao canal Saint-Martin.

— Este modo de escoamento permanecerá até o final do século amplamente utilizado nas cidades do interior, e isto até a Segunda Guerra Mundial. Em 1860, o baixo Deule passa a ser esgoto da cidade de Lille; os canos sépticos e os restos do matadouro deságuam nele. Acumulam-se as lamas imundas nos canais e a cidade fica empestada.³⁷ Em Caen, os Odons se transformam em verdadeiros esgotos a céu aberto. O problema, há mais de cem anos em pauta, torna-se verdadeira "serpente marinha".³⁸ Em 1876, o Nièvre, em Nevers, não é mais do que uma "imensa cloaca".³⁹ A desinfecção sistemática do espaço urbano só será empreendida aqui no final do século.

Os partidários dos esgotos gerais, de Sponi a Gueneau de Mussy, insistem que são eles os únicos meios de assegurar o movimento, a circulação do excremento e, portanto, de desativar a ameaça de estagnação. Além do mais, ao contrário da fossa séptica, eles permitem o controle dos fluxos: "os esgotos estão constantemente sob vigilância. Esta é luminosa, fácil, regular",⁴⁰ pleiteará ainda Emile Trélat em 1882.

Como explicar, então, que esta solução tenha sido rejeitada durante quase um século? Gérard Jacquemet demonstrou com propriedade a complexidade do debate e a confluência de interesses que entraram em jogo contra sua adoção.⁴¹ O sistema teria imposto aos proprietários um encargo considerado por muito tempo como um fardo demasiado pesado. Em 1856, apenas dez mil dos 32 mil imóveis da capital são abastecidos de água. O esgoto geral poderia arruinar as companhias

limpa-fossas, que exerceram o papel de um forte grupo de pressão. Tais obstáculos talvez tivessem sido vencidos se os clamores dos sábios não tivessem reforçado a resistência. Encontramos mais uma vez o fantasma da perda. Chevreul⁴² já aponta o perigo: desinfetar as matérias já é empobrecê-las. As preocupações com a salubridade, acrescenta ele, fizeram com que se perdesse de vista este risco. Sem mesmo falar do esgoto geral, arquétipo do esbanjamento, inundar as fossas diminui o teor de azoto. Os limpa-fossas conhecem bem o fenômeno: apreciam muito mais excremento amontoado na fossa do pobre do que o do rico, por ser mais diluído. Belgrand estabelece, com a mais alta precisão, uma escala social de valor do produto. Desenha uma repartição topográfica do teor em azoto dos excrementos da capital.⁴³ Ao mesmo tempo em que estimulava a desodorização da rua e do espaço público, o utilitarismo deveria assim refrear, em Paris e em numerosas cidades da França, a adoção do esgoto geral. Efeitos divergentes cujo aspecto contraditório seria preciso ressaltar.

Sob a Restauração, o excremento humano acha-se promovido ao nível de matéria-prima da indústria química. Instala-se uma usina em Bondy, próxima ao novo sistema condutor: ela produz amoníaco. É assim que se combinam os imperativos da salubridade com os da utilidade. Aqui se acha realizado o lancinante projeto de se abolir o excremento, o que incita então os higienistas a recomendarem o emprego de produtos capazes de transformar imediatamente, nas latrinas, os dejetos em um excelente adubo.⁴⁴ Por conseguinte, a química da imundície continuará a inspirar grandiosos projetos; em 1844, Garnier sonhará com a edificação de um vasto complexo industrial destinado ao tratamento das urinas; propõe que se denomine *amoníapolis*.⁴⁵

O ano de 1825 inaugura uma nova era nas técnicas de esgoteamento.⁴⁶ É preciso que se diga que, às vésperas desta mutação, o fedor havia atingido, nas cercanias de Montfaucon, uma intensidade até então desconhecida. Os aldeões de Pantin e de Romainville respiravam permanentemente essa pestilência.

Parent-Duchâtelet, técnico em difusão de odores, acabava de se dedicar a um estudo apurado dos fluxos nauseabundos.⁴⁷ Felizmente desviados pela topografia, os eflúvios poupavam a maior parte da capital, mas empestavam a barreira do Combat e, sob a ação de certos ventos, por vezes atingiam o Marais e o Jardim das Tulherias. Coisa de que se queixara amargamente Lachaise três anos antes.⁴⁸

Em 1815, em seu relatório sobre as atividades do Conselho de Salubridade, Mauléon já colocava a questão: como “converter imediatamente em matérias próprias para o comércio os músculos, o sangue, a gordura, os ossos e os intestinos de dez a doze mil cavalos que se abatem em Paris por ano?”⁴⁹ A eliminação de três mil animais, mortos durante o dia 31 de março de 1814, havia acentuado a urgência de uma solução.

Desde 1812, os químicos Payen, os irmãos Pluvinet e Boullier obtiveram aprovação para um processo de fabricação de adubo por liquefação das gorduras e compressão das partes carnudas das carcaças. Em 1816, Foucques propusera-se a “fazer sabões de diferentes cores e um licor lixivial com as carnes, os ossos e os intestinos provenientes do esquiteamento de cavalos”.⁵⁰ A partir de 1825, o recente estabelecimento Payen, instalado em Grenelle, revoluciona essa indústria. O tratamento em redoma e o emprego das cinzas animais transformam o sórdido esquiteamento “em atividade salubre que garante consideráveis rendas”.⁵¹

O tratamento do sebo pela cal torna também inodora uma indústria que, no passado, suscitava incessantes queixas. Graças aos trabalhos do jovem Baruel, a fabricação do sal amoníaco a partir dos restos ósseos, das carcaças e das águas de depuração passa a se desenvolver.⁵² A demanda de matéria-prima incita à coleta dos restos animais que obstruíam os condutores. Ela contribui para a limpeza da cidade. Desde que a usina de Pluvinet se instalara em Clichy, “não se vêem mais os ossos formarem barreiras nem se arrastarem pelas avenidas da capital”.⁵³ Uma grande quantidade do sangue dos animais que corria pelo calçamento e infectava o ar na vizinhança dos mata-

douros pode a partir daí ser tratada numa fábrica de secagem que exporta seus produtos para refinarias de açúcar instaladas nas colônias.⁵⁴

A busca do lucro conduz à desodorização do espaço público de maneira mais segura do que o fantasma da insalubridade. Ela tendeu a desembaraçá-lo do fedor das carniças, do sangue e dos ossos. Inicialmente, é bem verdade, a nova indústria química impõe eflúvios nauseabundos. O aperfeiçoamento das técnicas de fabricação em redoma, a crescente utilização de desinfetantes, bem como a legislação concernente aos estabelecimentos insalubres, contribuirão para cercear esses malefícios.

Assim, pouco a pouco se desativa a angústia lancinante suscitada pela carne animal em vias de decomposição. Os ritmos de putrefação das carnes, minuciosamente analisados no século precedente, acham-se a tal ponto acelerados que a transmutação parece evidente, instantânea. A produção do miasma é exorcizada pela abolição do fedor. De agora em diante, o modelo proposto pelo esquartejamento se torna fascinante. Parent-Duchâtelet confessa sua admiração pela revolução que está se operando. As partes do cadáver tendo sido desodorizadas, cuidadosamente triadas, encontram, cada uma delas, sua utilização racional.⁵⁵ Resta somente proibir os esquartejamentos clandestinos que ainda subsistem na capital a fim de assegurar o monopólio do tratamento do cadáver para as novas usinas. Várias comissões nomeadas pelo Comissariado irão elaborar a necessária regulamentação. A obrigatoriedade do "alto forno", que transporta as emanções a uma "grande altitude na atmosfera",⁵⁶ completará a desodorização do tratamento da carne morta.

Fazer alusão à eventual utilização do cadáver humano ainda permanece um tabu. O piedoso Parent-Duchâtelet, apesar de consagrar um bem longo desenvolvimento ao emprego abusivo da gordura humana recolhida pelos serventes dos anfiteatros de dissecação do Quartier Latin,⁵⁷ não poderia transgredi-lo. É preciso que se chegue a 1881 para que o engenheiro Chrétien forneça o enunciado de um projeto que ele qualifica, infeliz-

mente com uma lamentável pré-ciência, como idéia de vanguarda. "A finalidade de toda inumação — escreve — deveria ser a transformação de restos inanimados em produtos úteis."⁵⁸

A REVOLUÇÃO DOS CLORATOS E O DOMÍNIO SOBRE OS FLUXOS

Daqui por diante, fundada numa análise correta dos gases nauseabundos, a desodorização científica progride em ritmo animado. Na prática cotidiana, desenvolve-se o uso das fumigações guytonianas⁵⁹ e da água sanitária de Javel, fabricada desde 1788, nas manufaturas do conde de Artois.⁶⁰ Duas descobertas iriam completar a obra do químico dijônês. O farmacêutico Labarraque, ao substituir o uso do clorato de cal pelo do cloro, descobre a maneira de deter a marcha da putrefação. A experiência decisiva desenrola-se no dia 1.º de agosto de 1823, às sete e meia da manhã, quando se procede a uma exumação. O grande Orfila deveria em seguida praticar uma autópsia. Ora, o fedor do cadáver é pavoroso. Proposta por Labarraque, uma aspersão de clorato de cal dissolvido em água produz "um efeito maravilhoso". "O cheiro infecto foi destruído instantaneamente."⁶¹ O comissário Delavau tira logo proveito da experiência e determina que se desinfetem com água cloratada "latrinas, micrórios e canalizações da capital". Em 1824, Labarraque redige uma *Instrução para uso de destripadores, contendo a maneira de trabalhar sem fetidez*.

A morte de Luís XVIII vem confirmar o sucesso de Labarraque. O cadáver do rei está num tal estado de podridão que desprende um odor espantoso. É preciso chamar o farmacêutico. Este embebe um lençol em água cloratada e o estende diante de si, como um pára-vento: cobre o cadáver com ele, aspergindo-o por longo tempo; consegue assim fazer desaparecer o mau cheiro.⁶²

A tina de Labarraque irá se tornar, desde logo, o instrumento indispensável para todas as grandes empresas higienis-

tas. Em 1826, ela permite a desinfecção dos operários ocupados na limpeza dos esgotos de Amelot.⁶³ É esse novo líquido que em 1830, desodoriza os cadáveres dos mortos de julho. As Três Gloriosas marcam o triunfo definitivo da água cloratada. O dr. Troche asperge com elas as fossas que mandara cavar sob a praça do Mercado dos Inocentes e diante da colunata do Louvre.⁶⁴ Alguns dias depois, graças à tina de Labarraque, Parent-Duchâtelet consegue vencer o fedor dos corpos amontoados às pressas nos subterrâneos da igreja de Santo Eustáquio. Menos de dois anos mais tarde, quando grassa o cólera-morbo, é a capital por inteiro que se tenta desinfetar com o precioso líquido. O comissário Gisquet determina que se o utilize para as mesas dos açougues, para “neutralizar as emanções pútridas que se desprendem das fossas, das trincheiras, dos trabalhos de aterro”.⁶⁵ Manda ainda regar com ele o retângulo das feiras, o calçamento das ruas, os fossos dos *boulevards*.

A descoberta de Labarraque permitirá resolver o espinhoso problema colocado pela dissecação. Até então, um horrível fedor reinava nos anfiteatros.⁶⁶ Os estudantes de medicina e seus mestres sofriam por isso um suplício cotidiano. Alguns viviam com o medo constante da infecção. A dissecação, como o esquartejamento, dispersava-se pelas ruelas do Quartier Latin, e toda sua vizinhança também se queixava da pestilência. A proibição de estabelecimentos clandestinos e a lavagem das mesas cotidianamente com água cloratada, imposta no novo anfiteatro da Faculdade de Medicina, regram a questão. A reforma contribuíra para a desodorização de todo um bairro da capital.⁶⁷

Restava lutar contra o terrível fedor do hospital. Labarraque iria se encarregar disso. Prepara seu célebre licor de clorato de óxido de sódio, que se revela eficaz. Ele permite, como notam, não sem exageros, os especialistas, “acorrentar a decomposição no vivente”.⁶⁸ O carvão gangrenoso, as “úlceras venéreas degeneradas”, “a podridão mais intensa do hospital” e o próprio câncer podem ser doravante “desinfetados”, isto é, desodorizados.

O produto preparado por Salmon em 1825 constitui a outra descoberta de relevo. Conhecia-se há muito tempo o poder desinfetante do pó de carvão. Calcinando matérias animais com substâncias terrosas, o químico consegue preparar uma cinza animal capaz de desodorizar instantaneamente todas “as matérias em decomposição pútrida”.⁶⁹ O produto que resulta da operação forma um adubo precioso. Salmon concilia higienistas e economistas. Relega para o arcaísmo o nojento esterco em pó (*poudrette*), o qual ainda ofuscava o nariz dos heróis de *Um começo na vida*, fechados no “carro de Pierrotin”.⁷⁰

A partir da metade do século XVIII, é às dezenas que se sucediam os procedimentos destinados a desinfetar as matérias fecais. Em 1856, Sponi registra a lista dos projetos formulados desde 1762. Enumera não menos de 47.⁷¹ Durante quase um século, os maiores sábios experimentam, refletem. Pode-se dizer, sem exagerar, que não há um único químico eminente que não tenha feito ensaios de desodorização dos excrementos.⁷² A cinza animal e em seguida o sulfato de ferro fornecem finalmente soluções eficazes. Graças a esses produtos, o terror outrora inspirado pela limpeza de fossas dissipa-se. Em meados do século, em Lyon, a *Sociedade Geral dos Adubos*, freqüentemente citada como exemplo, opera à luz do dia sem suscitar queixas. “Uma abertura de fossa diante de uma loja não impede que os clientes venham fazer compras.” Antes que o decreto de 12 de dezembro de 1849 prescreva a desinfecção das limpezas de fossa com sulfato e clorato de zinco, o progresso permanece hesitante na capital. A multiplicidade de sistemas propostos parece ter retardado aí a aplicação dos procedimentos mais adequados. Os gabinetes de toalete, públicos e inodoros, instalados desde 1817 na rue Neuve-Saint-Augustin não foram imediatamente imitados.

A desodorização dos locais apinhados passa pelo domínio sobre os fluxos. Não basta permitir a circulação do ar: é preciso dirigi-la. Sem este poder, não se conseguiria vencer totalmente a estagnação e o fedor dos antros. É então que se esboça o progresso em matéria de ventilação. A obra de Tredgold,⁷³ na In-

glaterra, as de d'Arcet, o prático, e de Pécelet, o teórico, no continente europeu, manifestam esse novo projeto.⁷⁴

“Um procedimento — afirma o engenheiro Grouvelle, discípulo de d'Arcet — será sempre defeituoso quando não se puder governá-lo à vontade.⁷⁵ Saber evacuar, mas também guiar e distribuir o ar de um lugar, eis o que é ser capaz de regular seu ambiente olfativo.”

Um tal projeto conduz a apregoar o circuito fechado. “Não há boa ventilação quando esta é submetida a variações atmosféricas, à ação dos ventos, às condições de abertura e fechamento de portas e janelas, independentemente do processo mesmo.”⁷⁶ D'Arcet compreendeu, observa Grouvelle, “que era preciso adotar maneiras o bastante regulares, o bastante potentes, para que a grande correnteza de ar por estabelecer pudesse dominar, sem variação nem interrupção, todas as correntezas acidentais”.

A peça hermética de Pearson torna-se aqui modelar. A fim de cuidar a domicílio dos tísicos, evitando-lhes assim uma longa estada nas regiões meridionais, o médico inglês esforça-se para conseguir-lhes uma temperatura agradável; para tanto, imaginou tampar a chaminé, construiu duplas portas e duplas janelas e conseguir assim uma espécie de estufa climática destinada ao homem.⁷⁷ Tais condições implicam uma revolução copernicana dos comportamentos cotidianos. A dona de casa instalada na nova cozinha concebida por d'Arcet, desde 1821, evitará abrir portas ou janelas. “Ela precisará — reconhece o sábio — vencer desse modo um velho hábito: no antigo sistema de construção, ela abria tudo, pois era obrigada, para não sufocar, a deixar entrar muito ar em sua cozinha, para tornar menos nocivas tanto a fumaça quanto os gases deletérios que enchem este lugar. Mas, em nosso sistema, (...) a exaustão é regular, não há nenhum vapor na peça.”⁷⁸

Pelas mesmas razões, d'Arcet glorifica o uso do sifão e a fabricação industrial em redoma. A nova ventilação apressa a substituição do fogo de chaminé pelo fogão-forno e pelo fogão-aquecedor. Já que as superfícies lisas favorecem o controle dos

fluxos, a lógica do sistema leva ao reconhecimento das vantagens do esmalte e do verniz, nos quais água e ar deslizam sem obstáculo. O banheiro *clean and decent* do final do século encontra sua longínqua origem nessa vontade de governar as correntezas, que se manifesta desde a Restauração.⁷⁹

No interior do espaço a ser ventilado, d'Arcet procede à aplicação de dois princípios: “de um lado, a aspiração forçada e, de outro, a *distribuição regular do ar*”;⁸⁰ apenas o último é inovador. Além disso, segundo d'Arcet, a desodorização supõe a total combustão: os fornos fumíferos que ele constrói e que não deixará de apregoar inscrevem-se na mesma cadeia de preocupações.

As prisões continuam a cristalizar ansiedades. Em nenhum outro lugar se impõe com tanta ansiedade a necessária circulação do ar. Assim, Villermé considera como pré-requisito indispensável a delimitação de um espaço ventilável. A construção de um muro circundante que alivie o temor da evasão é o que deveria permiti-la.⁸¹ O segundo dos imperativos é desodorizar as dejeções dos prisioneiros.

No interior do estabelecimento, é a cela que, por sua vez, se torna laboratório onde se experimentam, em toda quietude, técnicas de desodorização. Os membros de uma comissão formada pelos mais eminentes químicos (Dumas, LÉblanc, Pécelet, Boussingault) medem, através do olfato, a relação que se estabelece entre o tempo necessário para se obter a total desodorização de uma cela e o volume de ar introduzido. Os sábios, instalados à volta da tina fedorenta, conseguem, ao longo das horas, construir quadros “que fixam as bases de ventilação e de saneamento de todas as prisões celulares”.⁸² Aqui, não é o volume de oxigênio necessário à sobrevivência do indivíduo que regula a ventilação, mas a intensidade da correnteza capaz de vencer o fedor das dejeções do prisioneiro.

Experiências do mesmo tipo, realizadas numa sala de escola infectada pelo suor dos alunos e pela sujeira de suas roupas, mostraram que seis metros cúbicos de ar, por indivíduo e por hora, bastam para fazer desaparecer qualquer cheiro.⁸³ O que

leva a pensar que uma correnteza de dezo metros cúbicos por hora conseguiria desodorizar locais em que se amontoam pessoas adultas. Novas normas inspiram os engenheiros. Na prisão de Mazas, Grouvelle consegue "sanear" desse modo 1200 celas graças à "aspiração para baixo" exercida pelo canal de descida das latrinas. Um método completamente diferente, a adoção de assentos com sifão, permite a Dubois obter bons resultados também nas celas do Palácio da Justiça.⁸⁴

A partir de 1853, o ventilador mecânico de Van Hecke impõe-se como modelo nos estabelecimentos penitenciários; é admirado por Ducpétiaux.⁸⁵ O anemômetro instalado na prisão celular dos Petits-Carmes de Bruxelas mostrou que o novo aparelho consegue obter 48 metros cúbicos de ar renovado por hora e por pessoa, enquanto as autoridades só pediam vinte. Acima de tudo, um mostrador com agulha, visível da galeria, indica, dia e noite, "a força real da ventilação, e basta uma olhada para apreciar suas diversas gradações, de zero a oito, que é a medida máxima".⁸⁶ Embora não utilize a aspiração forçada, o ventilador realiza o sonho de d'Arcet. Um fluxo constante, regulável, permanentemente medido, garante este domínio da ventilação, indispensável para a eliminação dos odores individuais. A regularidade da máquina manifesta seu sucesso: "durante todo o decorrer das experiências, a agulha do mostrador ficou quase invariável, entre o quarto e o quinto graus".⁸⁷ Em 1856, um aparelho desse tipo é instalado no hospital Beaujon. No ano seguinte, o ventilador de Van Hecke faz maravilhas a bordo do *Adour*, encarregado de "transportar" quinhentos forçados de Toulon para Cayene. Graças a ele, o cirurgião principal não precisará assinar sequer um bilhete de enfermaria durante a travessia.⁸⁸

A desodorização dos locais de confinamento, através da ventilação implica entretanto uma disciplina da defecação, cuja ausência os responsáveis concordam em deplorar.⁸⁹ Bem antes que ela seja desenvolvida nas escolas e no seio do espaço privado,⁹⁰ a preocupação em assegurar a salubridade, às vezes

combinada com a de recuperar o excremento, engendra espantosas práticas disciplinares nos hospícios.⁹¹ A injunção de Girard de Cailleux, que pede aos enfermeiros que imponham aos loucos fazerem suas necessidades em horas prescritas, de dia e de noite, e o "braço-de-ferro", que obriga o doente a se aliviar no local prescrito, são neste aspecto significativos. Observações demonstraram a possibilidade dessa domesticação exemplar: "quanto à frequência dos gabinetes de toalete, o alienado, pelo próprio fato de ser privado de razão, pode ser submetido, no que concerne à acusação de sujeira, a uma repressão que não poderia ser imposta aos habitantes usuais dos estabelecimentos públicos".⁹²

No mesmo ano, o fascinante projeto publicado por Duponchel nos *Anais de Higiene Pública* traduz, de uma maneira exacerbada, essa vontade de se abolir o fedor excremental dos locais coletivos e de impor a disciplina pela própria estrutura dos equipamentos.⁹³ A fim de desodorizar casernas e hospitais, o autor propõe a edificação de uma torre-latrina, qualificada de "minarete", cuja arquitetura barroca, inspirada na gávea do navio e, sem dúvida, no columbário de d'Arcet, tende a privar o indivíduo de qualquer possibilidade de mácula. Nem assoalhos nem paredes a sujar para o doente ou para o soldado agarrado aos braços de ferro e instalado num assento quase suspenso, ao qual se tem acesso por uma passarela metálica.

D'Arcet, como seus colegas do Conselho de Salubridade, e principalmente seu amigo Parent-Duchâtelet sonhavam tornar salubres todas as indústrias. Graças à aspiração forçada e à instalação de fornos fumíferos e fornos a reverberação, ele consegue desodorizar várias manufaturas, entre elas as mais nauseabundas. As criações de bicho-da-seda, "infectadas pela respiração e transpiração dos vermes, seus excrementos, suas trocas de pele, os cadáveres e a fermentação da forração",⁹⁴ já suscitavam a ansiedade de Olivier de Serres. Em 1835, d'Arcet consegue eliminar esse mau cheiro. Da mesma maneira, ele "sanea" o refinamento de ouro e de prata e depois a queima das nervuras de folhas de fumo. D'Arcet permite, desse modo, a instalação ou a

manutenção, no centro das cidades, de estabelecimentos cujos odores nojentos os cidadãos não pretendiam mais tolerar.

Desenvolve-se então essa indústria da ventilação, para a qual a longa resistência contra os fedores servirá de garantia de prosperidade durável.⁹⁵ Nesse domínio, a França manifesta um evidente atraso. Contrariamente a seus confrades ingleses, os arquitetos do continente, mal informados sobre os progressos da física e menosprezando os engenheiros, aliás pouco numerosos, permanecem sobretudo preocupados com a beleza das formas. A viagem a Roma reveste-se de muitos outros encantos além da aprendizagem dos mecanismos de aquecimento ou de ventilação. Esta continua sendo problema dos "enganadores" ("fumistas"). Só raramente ela determina uma concepção de conjunto de um edifício, e os exemplos anteriores evocados desempenham o papel de exceções. Os teóricos da ventilação não foram ouvidos. Faltava um corpo de engenheiros civis suficientemente organizado para se impor como intermediário entre os arquitetos e os mecânicos. Na Inglaterra, quase todos os edifícios públicos, numerosas habitações e navios são equipados com sistemas de ventilação, freqüentemente sumários, é bem verdade; nas grandes cidades da monarquia censitária, mal se pode citar algumas realizações exemplares. As salas de espetáculo parisienses, onde se amontoam os abonados da burguesia e da aristocracia durante intermináveis noitadas, concentram a solicitude dos higienistas. A sala das *Variétés*, ventilada por d'Arctet, que utiliza para tanto a aspiração pelo lustre, constitui um modelo desde logo amplamente imitado.

A POLÍTICA E OS MALEFÍCIOS

Pauli A ELABORAÇÃO DO CÓDIGO E O PRIMADO DA OLFAÇÃO

Da Revolução até as descobertas pastorianas,* a higiene pública, ao que parece, uma vez mais procede por empréstimos. O regulamentarismo que se esboça inspira-se amplamente no arsenal de medidas decretadas por éditos do Antigo Regime e cuja eficácia revelara-se freqüentemente contestável. Além disso, na marcha do sonho ecológico, a diatribe contra o cemitério e depois contra os locais de apinhamento da multidão pútrida preparou caminho, desenhou um modelo de ansiedade, de vigilância e de intervenção. Assim, o debate que se desenrola no século XIX sobre os malefícios industriais, e cuja radical modernidade estamos arriscados a postular cedo demais, constitui, sob muitos aspectos, um ponto de chegada. A inovação reside, é bom que se repita, na coerência das decisões. A partir do Consulado, elabora-se progressivamente um verdadeiro *código*, que ao mesmo tempo define os malefícios e determina a política que convém ser aplicada em relação a eles. A nova higiene pública ambiciona uma aceleração do ritmo de desinfecção; desta feita, ela visa a totalidade do espaço da sociedade.

A história da emergência do regulamentarismo é clara. Em

(*) De Louis Pasteur. Var.: *pasteurianas*. (N.T.)

1790 e em 1791, são promulgadas duas leis sobre as artes industriais e a salubridade. Seu efeito permanecerá muito limitado. Nele não figura qualquer classificação de estabelecimentos insalubres, o dano causado pela indústria não é sequer apreciado nem definido. Os tribunais permanecem impotentes, a jurisprudência é vaga e arbitrária. Estas medidas legislativas perpetuam a tradição de ineficácia do Antigo Regime.

A criação do Conselho de Salubridade do Departamento do Sena, em 18 messidor ano XI (7 de julho de 1802), dota a administração de um organismo estável de consulta e de controle. Ela permite novas ambições, mas implica a definição de um código mais preciso. Por solicitação do ministro do Interior, a classe de ciências físicas e matemáticas do Instituto propõe, em 26 frimário do ano XIII (17 de dezembro de 1804), uma classificação dos estabelecimentos insalubres e perigosos. Esse texto guiará, durante quase três anos, a ação da administração. Em 12 de fevereiro de 1806, um decreto do comissário Dubois impõe aos industriais desejosos de fundar um estabelecimento a apresentação de uma declaração prévia de abertura. Exige também a entrega do plano da manufatura ou da oficina projetadas. Alguns "homens da arte", acompanhados por um chefe de polícia, realizarão uma visita aos locais e redigirão um ato de pesquisa *commodo e incommodo*.

Em 1809, o acirramento das queixas suscitadas pela fabricação de soda leva o ministro do Interior a acionar novamente o Instituto. O relatório de frimário ano XIII parece agora demasiado impreciso. Há vinte anos o progresso das manufaturas atormenta a tal ponto a opinião pública que não seria mais possível tolerar por mais tempo a descuidada localização da indústria em meio urbano. Matadouros, triparias, fundições de sebo seguem causando alarme; no entanto, na hierarquia das ansiedades, outros estabelecimentos pútridos ocupam doravante lugar de destaque: as usinas de cianureto, de cola forte, de adubo, que, segundo se diz, se propagam por todas as grandes cidades do país. Apesar do fato de que os sábios denunciem com menor vigor a nocividade dos vapores ácidos do que a dos miasmas

pútridos, a opinião parece tolerar muito mal as fábricas de vitriolo, de acetato de chumbo, de sal amoníaco e sobretudo as de sais de soda, que se multiplicam desde o começo do Império. A douração de metais e todas as preparações em que entrem chumbo, cobre e mercúrio encerram a lista das atividades cuja vizinhança causa repulsa.¹

O comportamento do próprio imperador atesta a nova intolerância. Incomodado pelo odor nauseabundo que os dejetos da fábrica de óleo pirogênico instalada em Grenelle, em Saint-Cloud, desprendem, Napoleão decreta que tais produtos, no futuro, não sejam mais jogados no rio.²

A classe de química do Instituto, encarregada então do exame, pede ao comissário de polícia um recenseamento exaustivo dos estabelecimentos industriais parisienses. A análise deste documento leva-a a propor uma divisão que será oficializada pelo decreto de 15 de outubro de 1810, ponto de referência de todas as medidas ulteriores. O decreto real de 1815 só fará reproduzir suas linhas gerais. Uma mesma filosofia sustenta o conjunto desses textos; convém analisá-la em amplitude.

A regulamentação é de inspiração industrialista; proteger o patrão contra o ciúme ou a malevolência da vizinhança, assegurar sua tranquilidade e com isto permitir a expansão de sua empresa constituem suas preocupações principais. Os sábios do Instituto pretendem, conforme eles próprios confessam, aclimatar a indústria e impor sua presença no coração da cidade, assim como outrora haviam conseguido obrigar a opinião pública a suportar as oficinas de ferreiros, caldeireiros, toneleiros, fundidores, tecelões, "cuja profissão é mais ou menos incômoda para os vizinhos". Estava esquecido o projeto, defendido no final do Antigo Regime, de transferir as oficinas para o campo.³ A presente tolerância é reforçada pela convicção de que o desenvolvimento da química e os progressos quanto à "condução do fogo" poderão muito em breve abolir os malefícios. Como se lê no relatório de 1809, algumas usinas de soda e de cianureto já funcionam sem causar qualquer incômodo.

A definição da insalubridade parece doravante muito res-

tritiva aos olhos de todos os leitores algo familiarizados com a literatura médica, ou antes, com a literatura edífica do moribundo Antigo Regime. O tom alarmista dos químicos do final do século XVIII desaparecera. Desta vez, o otimismo impera por algum tempo no discurso dos sábios. Apenas a presença de miasmas deletérios, atestada pela deterioração dos metais ou pelo depauperamento da vegetação, é que pode merecer a qualificação de insalubre. Sem dúvida, as oficinas dentro das quais "se amontoam e se deixam apodrecer ou putrefazer em grandes massas matérias animais ou vegetais constituem uma vizinhança nociva à saúde";⁴ mas o essencial é a expansão manifesta da noção de incômodo, em detrimento da noção de insalubridade. A maioria dos vapores químicos, sob o pretexto de eles serem "desenvolvidos por meio do fogo" e de ser impossível condensá-los, não parece merecer a qualificação de insalubre. É necessário "declarar — lê-se no relatório de frimário ano XIII — que as fábricas de ácido, de sal amoníaco, de cianureto, de acetato de chumbo, de alvaiade, os açougues, engomadorias, curtumes, cervejarias e até a fabricação de ácido sulfúrico não constituem absolutamente uma vizinhança nociva à saúde, desde que sejam bem conduzidos".

A própria noção de incomodidade parece muito limitada. Reduz-se a uma definição olfativa, o que não deve nos surpreender. O artigo 1.º do decreto de 15 de outubro de 1810 o atesta claramente: "A contar da publicação do presente decreto, as manufaturas e oficinas que desprendem um odor insalubre ou incômodo não poderão ser constituídas sem uma permissão da autoridade administrativa". As poucas referências ao ruído só figuram para atrair a tolerância da opinião pública. A própria fumaça quase não chama a atenção, por enquanto. A poeira ainda não entra no rol de preocupações. Com maior razão ainda, não se acha, nos textos citados, qualquer alusão ao espetáculo. Negligencia-se aquilo que pode chocar o olhar ou atenuar a luminosidade.

O industrial poderia então sentir-se quase que totalmente assegurado, a não ser diante dos proprietários, único freio eficaz

contra a expansão anárquica da indústria. O teste decisivo, a mensuração do prejuízo, é a queda do valor venal ou locativo da propriedade próxima ao estabelecimento. Este argumento é incessantemente reiterado. Em 9 de fevereiro de 1814, o ministro das Manufaturas verá, no decreto sanitário de 1810, uma simples medida de arbitragem entre o fabricante e o proprietário.⁵ A saúde do operário mal entra em consideração; a saúde do vizinho continua sendo uma preocupação secundária.

O decreto de 15 de outubro de 1810 será completado por numerosíssimas medidas específicas. O conjunto desses textos, reunidos por Trébuchet desde 1832, forma um "programa claro e circunstanciado para cada gênero de indústrias, para cada posição de indivíduos".⁶ A nova regulamentação divide os estabelecimentos em três classes⁷ e prevê a generalização do sistema da autorização prévia; instaura um controle destinado a bloquear a proliferação anárquica das oficinas e, por conseguinte, a dos malefícios e prejuízos.

O APRENDIZADO DA TOLERÂNCIA

Lá estavam os Conselhos de Salubridade para cuidar da execução da nova regulamentação. Entre 1822 e 1830, são criados conselhos nas principais cidades do reino. Neles acham-se lado a lado engenheiros, químicos e médicos. O comportamento desses *experts* está de acordo com os princípios que guiaram a elaboração dos textos. A atitude conciliatória dos membros de conselhos prova que se deve evitar ver neles o instrumento de um poder decidido a exercer uma vigilância tateante. A missão dos Conselhos de Salubridade é, antes de mais nada, dar garantias, desativar a ansiedade suscitada pelos fedores, permitir uma vida tranqüila nos arredores da indústria. O otimismo que demonstram ter diante dos malefícios repousa em sua crença nos progressos da química. Ele contrasta com o medo que os invade diante do transbordamento excrementício. Inspirados no agustinismo, persuadidos da necessidade de se providenciar válvulas

de segurança, enfim de se suportar os males necessários, os higienistas dos conselhos trabalham em favor da tolerância. Já que a luz purifica, contentam-se em tirar a opacidade da clandestinidade. Esperam que a opinião se manifeste por queixas ou petições antes de intervir. Os higienistas especialistas, delegados pelas autoridades, desempenham muito mais o papel de árbitros do que o de inspetores.

É assim que se explica a lentidão da eliminação de odores industriais que empestam o espaço público. Fracasso esse que entra em contradição com a importância dada à olfação pelo legislador. Numerosíssimas infâmias prosperam no interior da capital, com o assentimento do Conselho de Salubridade. Na maioria das vezes, dizem os *experts*, os vapores químicos só são perigosos para os operários que os respiram de muito perto. Isto poderia bastar para que se sugerisse o fechamento dos estabelecimentos. A noção de insalubridade, mais uma vez, só se aplica à vizinhança. Quanto ao conceito de incomodidade, ele não implica a mão-de-obra, uma vez que o hábito do contato fez com que ela não mais se aperceba dos malefícios e dos dissabores. "É assim que — observam os químicos do Instituto — quando se entra nas fábricas de ácido sulfúrico, nítrico e muriático, simples e oxigenado, ressentimo-nos, de chofre, com o odor desses ácidos, enquanto os operários mal se apercebem dele, e só se sentem incomodados quando, por inadvertência, respiram-no demais em pouco tempo." "Devemos observar — acrescentarão Monfalcon e Polinière em 1846 — que os operários frequentemente se aclimatam às oficinas; poucos se queixam, poucos parecem perceber insalubridade no meio em que estão condenados a viver."⁸ Cabe à estatística medir os inconvenientes da indústria para com a saúde das populações laboriosas. O insensível operário não poderia avaliá-los.

Por intermédio de uma hábil propedêutica do progresso técnico, os *experts* dos Conselhos conseguem fazer com que se aceite a vizinhança da indústria. Neste aspecto, o processo revela-se quase sempre idêntico: às queixas iniciais suscitadas pelas inovações, segue-se uma atitude de resignação, uma acei-

tação tácita da nova proximidade. O carvão de terra, rejeitado no final do século XVIII, vituperado em 1839, volta a ser aclimatado e, com ele, deve ser também tolerada a máquina a vapor. O mesmo acontecerá com a "destilação dos ácidos" e, depois, com a produção e combustão do gás de iluminação. O comportamento de Parent-Duchâtelet constitui o exemplo extremo desta vontade de tolerância que irá garantir a longa permanência do fedor das cidades francesas, apesar da difusão das novas exigências sensoriais.

Mas a história da luta contra a insalubridade nauseabunda não se deixa ler apenas nos textos legislativos; ela se identifica com o triunfo da tolerância; constitui-se também de ambiciosos projetos e de difíceis batalhas, muitas vezes sórdidas, algumas vezes épicas.

Após a tarefa, de sucesso muito parcial, de limpeza de ruas realizada em Paris sob o Consulado e o Império, a Restauração aparece como o tempo das grandes ambições, senão como o das realizações concretas. Nunca as pretensões políticas dos higienistas terão sido tão claramente afirmadas quanto nesta época, que viu nascer (1829) os *Anais de higiene pública e de medicina legal*.⁹ É então que são elaboradas as estratégias que tinham por finalidade sanear os tradicionais locais de apinhamento, casernas e prisões em primeiro lugar.¹⁰ Entretanto, o que cristaliza todos os esforços é a luta contra a maré excrementícia. A região do Bievre, cujo fedor parece culminante em 1821,¹¹ é parcialmente saneada. A limpeza dos esgotos da Roquette, de Chemin Vert e de Amelot oferece, como vimos, a ocasião para experiências de ventilação, de fumigação e de desinfecção. Planos globais de limpeza de Vincennes e de Clichy acentuam a vontade de se purificar o subúrbio, doravante visto como muito ameaçador.

Os primeiros anos da Monarquia de Julho constituem um marco. A epidemia de cólera-morbo de 1832 obriga a definição de uma estratégia de desinfecção para o reino como um todo; estratégia que inaugurará, como veremos, a desodorização do